

O LEGÍTIMO E NECESSÁRIO TOMA LÁ DÁ CÁ

A SOCIEDADE AJUDA O BRASIL A DESENVOLVER-SE



O BRASIL DEVOLVE-SE RICO, EVOLUÍDO E JUSTO

Enio Resende

Autor também de

CHEGA DE SER O “PAÍS DO FUTURO”



O Legítimo e Necessário Toma Lá Dá Cá
Copyright © 2002
by Enio Resende

IMPORTANTE:



Estimulada a reprodução e distribuição gratuita deste livro, principalmente a sua retransmissão via internet e intranet, com o prévio consentimento do autor.

- ♦ Sua comercialização é totalmente proibida, por qualquer meio e pretexto.
- ♦ Proibida também a sua utilização para fins político-eleitorais.
- ♦ É, entretanto, altamente recomendada para fins educacionais.
- ♦ Seu original foi registrado na Biblioteca Nacional.

Direitos de autoria:
Ênio Resende
Rua Lacedemônia, 392
CEP 04634-020 – São Paulo
Telefone: (011) – 5031-8554
Fax: (011) 5031-8702
E.mail: enioresende@terra.com.br
resenio@uol.com.br

Escrito e publicado no Brasil

BREVES INFORMAÇÕES SOBRE O AUTOR

Nascido em São Gotardo – MG, em 1938, e residente em São Paulo há 22 anos.

Fez cursos nos níveis de graduação, pós-graduação e especialização em Letras, Pedagogia, Administração de Recursos Humanos e Desenvolvimento Organizacional.

Autodidata em noções fundamentais de política e economia. Estudioso de cidadania.

Atuação, durante quase 40 anos, como gerente, diretor e consultor em aproximadamente 130 empresas.

Ministrou cerca de 350 cursos e palestras em todo o Brasil.

Autor de 11 livros, destacando:

“Atenção Sr. Diretor”

Summus Editorial – 1983

“É Preciso Mudar o Discurso em Recursos Humanos”

Summus Editorial – 1985

“Cidadania – o Remédio Para as Doenças Culturais Brasileiras”

Summus Editorial – 1992

“O Livro das Competências”

Qualitymark Editora – 2000

“Chega de Ser o ‘País do Futuro’”

Mescla Editorial (Grupo Summus) – 2001

Sugestões para favorecer a leitura deste livro

Para favorecer o objetivo de ser este livro lido pelo maior número possível de brasileiros, o mais rapidamente possível, o autor já adotou, de sua parte, duas medidas:

- elaborar textos curtos e com linguagem simples. Quem está acostumado a ler gastará em torno de quatro horas para terminar a sua leitura. Quem não está, um pouco mais.
- enviar o livro, por e.mail, a tantas pessoas quantas consiga, com ajuda de multiplicadores.

Pensando em outras formas de favorecer a sua leitura, ocorre ao autor sugerir aos leitores algumas idéias:

- quem tem e carrega *notebook*, colocar o texto em arquivo para poder lê-lo nas diversas salas de esperas, durante o voo ou em situações semelhantes;
- Imprimir o texto e levá-lo nas viagens dentro de uma pasta ou envelope. Se puder encaderná-lo, melhor.
- quem trabalha com microcomputador, nas organizações, ou em casa, arquivar o texto para ler capítulos durante os intervalos de trabalho (sugestão de tela com 75%);
- quem vai para o serviço em ônibus fretados ou da empresa poderia, por exemplo, imprimir um ou dois capítulos por dia para lê-los durante a viagem. Caso não queira encadernar o texto todo;
- E soluções que cada um possa criar.

Para quem não se animar a ler o livro todo (o que seria uma pena), vai a sugestão de ler os seguintes capítulos, por ordem de prioridade:

- As introduções I e III
- os dois primeiros (são pequenos e básicos)
- “Uma nova maneira de ver a cidadania”
- “Uma trégua ao negativismo”
- “Condições de governabilidade”
- “Homem – um animal político”
- “Politizemo-nos”
- “Questão séria demais”
- “Um banho de ética”
- “Transferência de responsabilidade”
- “Olhando para o próprio umbigo”
- “Muitas críticas, muitos discursos e poucas contribuições”
- “Elevando nossa auto-estima”

Agradecimentos:

Aos meus amigos
Darci Garçon, Felipe Westin e Artur Mausbach,
competentes profissionais e exemplos de cidadãos éticos,
exigentes com a qualidade das coisas, por sua pronta
e incansável disposição de ler e criticar a versão original
e as versões posteriormente modificadas deste livro, cujas
observações e sugestões foram fundamentais para o seu
formato e temática finais.

A eles, a minha gratidão.

RESUMO

Introdução I	8
Introdução II	9
Introdução III	10
Introdução IV	12
Introdução V	13
1 – O despertar do gigante adormecido	14
2 - De esperanças e sonhos	16
3 - Perdas e ganhos	18
4 - Será questão de vergonha na cara ?	21
5 - Uma trégua ao negativismo	24
6 - Muitas críticas, muitos discursos e poucas contribuições práticas.....	28
7 - Elevando nossa auto-estima	30
8 - Nova maneiras de ver a cidadania	35
9 - Transferência de responsabilidade	40
10 - Olhar para o próprio umbigo	43
11 - Politizemo-nos	49
12 - Homem – um animal político	52
13 - Questão séria demais	57
14 - Condições de governabilidade ou o efeito de causação circular	61
15 - Outras questões importantes	66
16 - Reinventando a política	69
17 - Por que sentiremos saudades	74
18 - Banho de ética	77
19 - Se pudesse fazer um pedido	81
Referências bibliográficas	83

Introdução I

Fazendo diferença na sua sociedade e no seu país

Existe um filme de treinamento profissional, chamado “Visão de Futuro”, de Joel Barker, que termina com a seguinte cena:

Andando por uma praia, o narrador vê um jovem que repete o gesto de agachar, pegar um objeto e lançá-lo ao oceano. Aproxima-se dele e pergunta:

- “O que você está fazendo?”
- “Devolvendo estrelas do mar ao oceano”, respondeu o jovem.
- “São milhares delas que o oceano traz para as praias. Que diferença faz devolver algumas delas?”, acrescentou o narrador.
- “Para esta aqui faz diferença”, disse o jovem, lançando a que estava em sua mão.

Todas as pessoas podem fazer diferenças - mesmo com pequenas colaborações e participações - e ajudar o Brasil melhorar e vir a ser a nação desenvolvida, justa e civilizada.

A soma de milhares de pequenas contribuições pode resultar numa grande diferença em progresso do Brasil.

O objetivo deste livro é tentar fazer alguma diferença no comportamento da sociedade brasileira. Este autor alimenta a esperança de que outros se inspirem neste gesto e se disponham a lançar “estrelas do mar”, cada um com seus recursos e possibilidades, para fazerem pequenas e grandes diferenças na sociedade, para melhorar o nosso país.

“Cidadania significa fazer diferença na sua comunidade, na sua sociedade, no seu país.

Cidadania significa a disposição para viver, ao invés de morrer, pelo seu país.”

Peter Drucker

Introdução II

Persistência

Este é o terceiro livro que escrevo sobre cidadania, com algumas incursões em cultura social, política e economia – como cidadão, não como profissional do ramo – numa tentativa de contribuir para o desenvolvimento do meu país. Insisto nesta tarefa, sempre acreditando que podemos e devemos tentar exercer alguma influência na nossa sociedade, no nosso país – inspirado no mestre Peter Drucker – para que encontre o caminho rumo ao seu tão esperado e merecido progresso.

Do qual ainda espero tirar bons proveitos como profissional e como cidadão.

Minha determinação nesse sentido é tal que, desta feita, resolvi enviar este livro a todas as pessoas que consiga alcançar, via internet, sem preocupação com ganhos de direitos autorais, por ter descoberto como é difícil fazer com que um livro – com esse tema e escrito por alguém não famoso – tenha ampla e rápida divulgação, pelos meios normais de publicação por editora e venda em livrarias.

Outra razão para este gesto é estarmos numa ocasião oportuna para mobilizar a sociedade brasileira e alertá-la para o significado de sua participação num momento decisivo para o futuro do país.

Os temas centrais dos três livros – *Cidadania – o Remédio Para as Doenças Culturais Brasileiras*, de 1992, e *Chega de Ser o “País do Futuro”*, de 2001, e deste são: i) o desenvolvimento da conscientização de que os problemas mais básicos do nosso país são de natureza **cultural, política e gerencial** (problemas econômicos são consequência e não causa primeira); ii) sem uma forte consciência e ações práticas e objetivas de cidadania ficaremos derrapando por muito tempo na caminhada rumo ao nosso desenvolvimento, com mais sofrimentos, perdas e frustrações.

Trago para este livro trechos do anterior - *Chega de Ser o “País do Futuro”* - por conterem idéias importantes e que merecem ser reforçadas: a idéia de mudança de postura, por nós brasileiros, de **esperança passiva** para **sonho realizador**; a idéia de **elevação da auto-estima**, a idéia de **reinvenção da política**, e a proposta de **banho de ética**.

Não tenho a ingênua pretensão de que todas as idéias deste livro serão facilmente aceitas por todos. Mas ficarei recompensado se, pelo menos, suscitarem debates dos quais a sociedade possa tirar algum proveito.

Conforme informado atrás, fiz um esforço extra para tornar os capítulos tanto menores quanto os assuntos permitiram, para tornar a leitura do livro rápida e *light*.

O tamanho desta parte da introdução é uma amostra de como serão muitos dos capítulos.

Introdução III

Sobre o Toma Lá dá Cá

Nós, população e sociedade brasileiras, estamos habituados a assistir, acomodadamente, a indesejáveis e vergonhosas práticas do que se acostumou chamar de “toma lá dá cá” – ou de fisiologismo – entre políticos e governos.

Na grande maioria das vezes os políticos cuidam, nessas transações, apenas dos seus interesses, do interesse dos seus partidos e das forças que representam. Em prejuízo dos interesses da grande população e do país.

Presidentes da república, governadores e prefeitos são obrigados a adotar essa terrível prática para obterem algum apoio, para terem mínimas condições de governabilidade.

A população e a sociedade precisam sair da condição de meros espectadores desse jogo de interesses, que lhes é prejudicial, e promoverem uma necessária e urgente mudança de paradigma, que precisa acontecer no país, em termos de “toma lá dá cá”.

Que é começar o único tipo de “TOMA LÁ DÁ CÁ” aceitável : a busca de parceria entre a população, a sociedade, a cidadania organizada e os governos federal, estadual e municipal.

Como a população tem sido politicamente pouco participativa, e como a cidadania ainda não está suficientemente forte e organizada, os governos continuam (mal) habituados a só fazer parcerias com políticos, desconsiderando a sociedade.

Essa situação precisa mudar. Caso contrário o país continuará derrapando na sua caminhada rumo ao desenvolvimento. E nós continuaremos sofrendo as consequências disso, mantendo nossa decepção, revolta e descrença nos políticos. E, por consequência, desinteressados e alienados da vida política.

E tenderemos a manter a prática, também indesejável, de só criticar e ficar contra governos. Nós e o país só temos a perder com ela.

Não podemos achar que, pelo fato de pagarmos impostos, temos o direito de só esperar ações e medidas do governo para resolver os problemas do país, da sociedade e da população. Temos o dever de fazer a nossa parte. Muitas das tarefas destinadas a resolver problemas do Brasil e melhorar nossa vida, são de nossa responsabilidade.

Os governos (Poder Executivo) não podem, **sozinhos**:

- promover distribuição de renda;
- melhorar o comportamento dos políticos;
- diminuir a impunidade;
- acabar com as agressões ao meio ambiente;

- melhorar a qualidade do ensino;
- acabar com os programas de tv de baixa qualidade;
- acabar com as espertezas de comerciantes desonestos;
- acabar com as injustiças nos valores das aposentadorias;
- evitar aumentos de preços dos produtos e serviços;
- aumentar salários de trabalhadores em geral;
- etc., etc.

A solução destes e de muitos outros problemas requer participação da sociedade. Que precisa organizar-se melhor para ajudar a resolvê-los ou, pelo menos, minimizá-los.

Teremos muito mais a ganhar se mudarmos o hábito de só criticar e ficar contra governos. É muito mais vantajoso começarmos a fazer parceria com eles, apoiá-los para dar-lhes força de governar e para que não precisem depender tanto da nefasta prática de fisiologismo, causadora de muita corrupção.

Estamos num época de parcerias. No mundo inteiro e em todos os setores da sociedade, e em todos os tipos de negócios, todos estão fazendo parcerias.

Falta só a parceria da sociedade com os governos. Precisamos ajudar os governos para que eles possam nos ajudar.

Este é o único tipo de “toma lá dá cá” aceitável.

“São as pessoas que fazem a história...Que cada um se sinta dono de seu país.”

Michhail Korbachev

“Não pergunte o que o país pode fazer por você, mas o que você pode fazer pelo país”

John F. Kennedy

“... Que tal apostar no Brasil ?
Mas é preciso lembrar que toda mudança começa por nós.”

Manoel Horácio Francisco da Silva

Introdução IV

Expectativas e esperanças do autor

O autor deste livro alimentará expectativas e esperanças:

➤ de que

- dirigentes de organizações
- de associações profissionais
- de entidades de ensino
- de clubes de serviço
- professores
- gerentes
- líderes em geral
- pais e mães
- síndicos
- etc.

Venham a considerar o livro adequado, oportuno e merecedor de ampla divulgação, podendo, eventualmente, providenciar sua impressão e encadernação, bem como sua distribuição a empregados, funcionários, associados, alunos, liderados, filhos, condôminos, etc.

Ou autorizem/recomendem o arquivamento do livro nos computadores individuais para ser lido nos intervalos de trabalho ou na medida das disponibilidades.

Sonha até com iniciativas de algumas empresas no sentido de mandar imprimir livretos deste texto, para sua distribuição a amigos, colaboradores, clientes e fornecedores.

- De que internautas divulguem e incentivem a leitura do livro aos seus “correspondentes”.
- De que alguns importantes jornalistas e comunicadores também o façam em suas matérias e programas.
- Alimentará também a expectativa e esperança de que importantes assuntos deste livro entrem nas pautas das redações de jornais e revistas, assim como dos programas de rádio e televisão.
- E de que este livro venha a ser um instrumento – e inspire/estime o surgimento de outros – que favoreça a mobilização dos brasileiros para se engajarem num grande movimento de construção de um novo Brasil, mais desenvolvido economicamente, mais justo e mais civilizado.

Introdução V

Contribuição ao desenvolvimento da cultura geral:

O leitor travará contato, de forma simples, com os assuntos abaixo relacionados, mencionados diariamente nos noticiários e entrevistas. Além de ajudar a entender melhor os debates, análises e comentários nas mídias, o conhecimento destes assuntos - por pessoas ainda pouco familiarizadas com eles - poderá contribuir para uma melhor presença e participação delas em conversas sociais. E, quanto aos jovens estudantes, ajudar, eventualmente, em provas escolares ou de vestibular:

Auto-estima

Cidadania

Círculos da economia

Corporativismo

Culturas sociais

Ética

Globalização

Governabilidade

Ideologias políticas

Neoliberalismo

Participação político-social

Politização

Terceiro setor

1

O despertar do gigante adormecido

*Há sempre um momento em que as portas
se abrem e deixam o futuro entrar.*

Graham Greene

*É hora de propagar a convicção de
que o Brasil dará certo*

Editorial do Jornal do Brasil 4/6/01

Sempre se disse que o Brasil é um gigante adormecido. Mas qual Brasil ? Que parte ou aspecto do Brasil ?

Este primeiro tema se inspira no pressuposto de que o Brasil tem um grande potencial de crescimento, tem tudo para ser uma grande nação, mas tais possibilidades parecem sempre distantes do nosso alcance. E, daí, surge a idéia de gigante adormecido.

Num primeiro momento não fica muito claro o que vem a ser esse gigante adormecido. Até porque tendemos a associar a idéia com o tamanho físico do país. Parando um pouco para pensar poderemos chegar ao sentido correto da afirmativa.

E ao chegar nele, ficará a sensação de uma descoberta. Da descoberta de que a parte do Brasil que está adormecida são a consciência e a alma da população e da sociedade civil. A consciência e a alma não propriamente das pessoas, mas dos **cidadãos**. Dos cidadãos que têm a posse de um grande país e o poder de transformá-lo numa grande nação.

Ficará a sensação de descoberta de que nós fazemos parte desse gigante adormecido.

Mais especificamente, a consciência adormecida – que já tem dado significativos sinais de movimento – é a consciência de cidadania. A consciência de que cabe a sociedade organizada assumir para si o destino do país, deixando de transferir, como temos feito, todas as responsabilidades para os governos, os quais têm suas limitações de poder e de capacidade – para não dizer de competência – para resolver todos os problemas da sociedade.

E quando descobriremos o poder da cidadania, o peso e importância dos nossos papéis como cidadãos e como sociedade organizada, nosso espírito poderá se ascender, brilhar e energizar nossa vontade. E aí o gigante sairá, mais rapidamente, de sua longa hibernação.

Uma nova visão de cidadania:

O conceito e visão de cidadania estão ainda pouco desenvolvidos, razão pela qual não se têm essa consciência do potencial de força e capacidade que temos de transformar nosso país numa nação rica, evoluída, justa e civilizada.

No livro Chega de Ser o “País do Futuro”, defendo a idéia de que a cidadania pode vir a ser o 5º poder da nação (três são os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário; o quarto, todos sabemos, é a imprensa, ou as mídias).

Sugiro ao leitor que volte à **Introdução I** e releia as duas frases que muito inspiram este livro e os ideais deste autor, e que contêm um dos melhores conceitos de cidadania, definido por uma das mais impressionantes cabeças vivas, uma das pessoas com maior capacidade de visão objetiva e conjunta das organizações empresariais, sociais e políticas: Peter Drucker.

Uma outra nova visão de cidadania: com sua prática efetiva poderemos também tornar nossa vida mais interessante, realizadora e feliz, além de todas as contribuições que podemos dar em benefício das nossas comunidades, da sociedade e do país, conforme veremos no capítulo 8.

Já é tempo de a **maioria acomodada** fazer-se ativa e participativa, cuidar de seus interesses, Ter uma vida mais digna, buscar viver num país melhor. Só as minorias têm feito isto.

Está na hora de despertar o gigante.

2

De esperanças e sonhos

*É preciso inspirar as pessoas para chegarem
a um lugar em que elas ainda não estão*

Henrique Meirelles

*"Para fazer com que um grande sonho se torne
realidade, primeiro é preciso ter um grande sonho"*

Karl Albrecht

Estamos demorando a evoluir como nação porque vivemos muito de esperança, cujas respostas dependem de outros, ao invés de construirmos e realizarmos nossos sonhos.

Este é um dos temas do livro *Chega de Ser o "País do Futuro"*, trazido (simplificado) para este. Trata da mudança de postura que nós brasileiros precisamos adotar: em relação à expectativa de futuro do Brasil: passar da atitude de **esperança passiva** para outra de **sonho realizador**.

O argumento que sustenta esta proposta é o de que **sonho** sugere a visão de uma possibilidade, fazer planos e adotar **posturas ativas**, empreender ações para concretizar essa possibilidade. Enquanto que **esperança** sugere **postura passiva**, sugere desejar algo, também possível, mas contando com a sorte ou com ação de outros para vê-la tornar-se realidade.

Não se diz "realizar uma esperança", mas sim "realizar um sonho". Esperança, se tem e mantém. Sonho, se desenvolve e se busca concretizar.

Uma das teses principais que sustento nos livros é a de que o Brasil é o eterno "país do futuro", porque nosso povo não se conscientizou ainda da necessidade de transformar sua **esperança passiva** em **sonho construtivo**. Em outras palavras, passar de **esperança** para **sonho** significa mudar da postura de esperar pela sorte, para outra de visualizar um objetivo e buscar realizá-lo. Significa mudar a idéia de que "o futuro do Brasil a Deus pertence" para "à **cidadania**, com inspiração de Deus, o futuro do Brasil pertence."

Inspirado pela frase acima de Karl Albrecht, quero enfatizar a idéia de que nós brasileiros estamos demorando a evoluir como nação rica e justa, para a maioria, e culturalmente evoluída, porque ainda não construímos nossos sonhos como sociedade.

Conforme veremos em outras partes do livro, transferimos aos governos total responsabilidade pelos nossos destinos, os quais nem sempre conseguem interpretar nossos anseios e reais necessidades, e ficamos muito dependentes deles.

Não conseguimos ainda entrosar nossos ideais e sonhos com os governos, nem fazer parcerias com eles na busca de sua realização. Não verdade, temos tido, a sociedade e os governos, mais desentendimentos e desentrosamentos do que busca conjunta de realização de objetivos. No capítulo que trata da nossa doença do negativismo este problema ficará mais claro.

Governos sérios e bem intencionados precisam aprender a recorrer à cidadania para apoiá-los na realização de seus planos. Por outro lado, a cidadania precisa fortalecer-se e aprender a apoiar governantes com bons planos.
--

Temos muito a evoluir (e precisamos fazer isto rapidamente) em termos de politização e cidadania, para aprendermos a construir os nossos sonhos de sociedade desenvolvida e civilizada, assim como para aprendermos a assumir nossos papéis na busca da sua realização.

Por acreditar nisto, e por querer contribuir para isto, escrevi dois livros em pouco tempo, e decidi facilitar a divulgação destas idéias, na esperança, como já disse, de poder influenciar para uma rápida mobilização de nossa sociedade.

Para que ela construa e busque realizar seus sonhos de grande nação.

3

Perdas e ganhos

*O Brasil é como um paciente na UTI.
Fica curado mas não sai de lá.*

Sérgio Abranches

É preciso despertar de vez e movimentar esse gigante para pararmos de perder e, principalmente, para acelerarmos o desenvolvimento do nosso país. Todos estão perdendo e todos podem ganhar: ricos e pobres.

Chega de ser o “país do futuro” !!

No período chamado de “década perdida”, que na verdade abrangeu cerca de quinze anos (80 a 94), tivemos muitas perdas que serão enumeradas logo a seguir. E no período de 95 até agora, 2002, colocamos a casa em ordem, mas evoluímos muito menos do que poderíamos.

Por outro lado, está na hora de buscarmos as recompensas pelos grandes sacrifícios que fizemos para estabilizar a economia na última década.

Se a sociedade organizada e a cidadania não assumirem seus papéis – vou insistir neste ponto – poderemos continuar tendo perdas significativas e continuar tropeçando na busca do nosso progresso.

Evidentemente temos sido prejudicados por fatores externos, pela conjuntura econômica internacional, no nosso esforço de desenvolvimento. Mas só podemos nos livrar disto de vez, se não resolvermos nossos problemas mais fundamentais que são de natureza **política, cultural e gerencial**. Contando com sua paciência, leitor, vou repisar este e outros pontos importantes. Em dois ou três outros capítulos este assunto será novamente abordado e a idéia reforçada.

Até como forma de estimular nossa tomada de consciência, relaciono a seguir muitos de nossos prejuízos na chamada “década perdida” (80/94), alguns continuados no presente:

- Grande deterioração no comportamento ético de pessoas e organizações, nos quinze anos de inflação alta e de muitas espertezas nos negócios e nas atividades econômicas. Sentimos o efeito disto até hoje.
- Grande deterioração do comportamento político (o enfraquecimento da política pelo regime militar contribuiu para isto) e aumento da corrupção nos órgãos de governo.
- Impressionante aumento de todos os tipos de corporativismos – que é a intensificação do aumento, pelas organizações, da defesa de interesses de suas classes em detrimento (prejuízo) dos interesses do país e da coletividade.
- Crescimento – ao invés de diminuição – do volume da dívida externa, com elevados pagamentos de juros (valores que poderiam ser aplicados em infraestruturas e no social), assim como crescimento do déficit público (causador das altas taxas de juros, que dificultam o crescimento econômico, que impede a geração de emprego, que aumenta os problemas sociais, que ...).
- Índices de pobreza pouco diminuídos. Empobrecimento das classes médias.
- Milhares de pessoas transformadas em marginais, aumentando os índices de criminalidade.
- Milhões de empregos não gerados. Milhões de carreiras frustradas ou dificultadas.
- Milhões de sonhos de brasileiros frustrados: estudar, casar, construir ou reformar casas próprias, comprar sítio ou casa de praia, viajar, trocar de carro, entre outros.
- De outro lado, milhares de casamentos desfeitos, com abandono de filhos; milhares de patrimônios vendidos por necessidade de sobrevivência.
- Milhares de mortes, incapacitações físicas e perdas de patrimônio resultantes de estradas, avenidas e ruas em péssimo estado de conservação.
- Milhões de empreendimentos empresariais fracassados por instabilidade da economia e enfraquecimento dos mercados de negócio.
- Sucateamento, atraso tecnológico, perda de competitividade de empresas brasileiras. Ou necessidade de serem vendidas.
- Mais linhas de metrô, duplicação ou ampliação de rodovias, construção de ferrovias, ampliação e modernização de aeroportos, construção ou melhoria de escolas, hospitais, presídios, etc. adiadas. Como exemplo: em 1972 havia previsão de construir 6 ou 7 linhas de metrô em São Paulo até 1982; em 2002, temos três incompletas.
- Despoluição de baías, praias e rios importantes (Baía da Guanabara, Rios Tietê e Pinheiros, Praia de Copacabana, por exemplo) prometidas e não realizadas.
- Ocorrência mais de 15 mil greves que não resolveram os problemas dos trabalhadores e prejudicaram a produção das empresas.

- *Decadência de instituições importantes da sociedade como da Justiça, do ensino, da Previdência; ou extinção de outras, como o BNH, responsável pela construção de muitas milhares de casas populares.*
- *Decadência do futebol – por necessidade de vender craques para o exterior – alegria de um povo sofrido.*
- *Milhares de espetáculos artísticos não apresentados ou pouco freqüentados, milhares de projetos culturais não desenvolvidos, milhões de livros não lidos.*
- *Perda de parte da fé, alegria e otimismo dos brasileiros.*

Alguns desses problemas diminuíram de intensidade ou caminham para melhoria, nos últimos tempos, mas numa velocidade pequena e, por vezes, interrompida por recaídas econômicas.

Todos ganham, pobres e ricos:

Precisamos difundir, forte e rapidamente, a idéia de que todos – pobres e ricos – ganham com o desenvolvimento do país. O aquecimento contínuo da economia traz mais oportunidades para empreendedores, mais segurança e mais ganhos para os empresários e profissionais liberais, mais empregos e melhores salários para a população, maior arrecadação de impostos pelos governos, permitindo-lhes investir mais em educação, saúde, segurança, etc.

Às vezes é preciso lembrar ou enfatizar o óbvio:

Se conseguirmos manter a economia aquecida, tudo aquece e desenvolve: turismo, recreação e lazer, esportes, ensino. Mais pessoas vão a dentistas e médicos, a academias de ginásticas, a restaurantes, a campos de futebol; mais pessoas darão festas; as pessoas comprarão mais roupas, carros, bicicletas, aparelhos eletrodomésticos; mais pessoas irão a teatros, cinemas, museus, feiras; mais pessoas lerão livros, revistas e jornais, e assinarão tv's a cabo; mais pessoas farão cursos, irão a congressos, etc., etc.

Quando são apresentados os índices de pobreza e as classificações de riqueza, verificamos que nossos índices negativos são maiores e que nossos ricos estão longe dos ricos dos países mais ricos.

Por tudo isto precisamos todos – ricos e pobres – nos interessar pela questão.

Quanto mais adiarmos a solução dos nossos problemas básicos – de natureza política, cultural e gerencial – mais demoraremos a resolver as dificuldades econômicas que nos impedirão de usufruir melhor a vida.

4

Será questão de vergonha na cara ?

*Claro que o Brasil tem jeito!
É só a gente tomar vergonha na cara.*

Fernanda Montenegro

*"Muita gente diz que o país não tem jeito.
Mas eu acho que tem jeito sim!"*

Gabriel, o Pensador

O Brasil tem jeito ? Se tem, o que está faltando para isso tornar-se realidade ? Será falta de vergonha na cara ? Se não, o que é que falta ?

Em momentos de desespero e revolta – quando vemos que o Brasil não deslancha, e quando assistimos a tantas coisas ruins acontecendo na política e na sociedade – temos tendência a desabafar dizendo frases fortes, como essa acima, da nossa maior atriz, em entrevista para revista da TAM.

Lembro-me de ter visto, ouvido e lido expressões semelhantes de outras pessoas ilustres e idealistas.

Esse desabafo sempre é feito em momentos de crises e depressão, ou quando se falava de algo muito vergonhoso ou escandaloso envolvendo as elites dominantes – políticos corruptos, governantes incompetentes, dirigentes de instituições desonestos, etc – da frequência com que isso acontece, da impunidade de seus praticantes.

O que querem dizer com tomar vergonha na cara ? Quase sempre se ficou só nessa afirmativa, sem entrar no detalhe do que isto significa.

Parece querer dizer que nos está faltando – como cidadãos, vale destacar – brio, dignidade, amor próprio, porque não assumimos nossos papéis na condução da nossa sociedade e do nosso país, e deixamos que expertos, oportunistas e incompetentes façam e desfaçam dele.

Também porque muitas vezes nos deixarmos ser enganados, afrontados, desconsiderados, desrespeitados, desprezados, explorados, humilhados pela parte pior das elites dominantes. E ainda porque, ao invés de reagirmos no sentido de mudar essa situação através do protesto organizado e bem encaminhado, do voto consciente, da participação política e da cidadania, nós nos limitamos a fazer críticas inconseqüentes, a transformar desgraças em piadas, a terminar as conversas com os conformados e acomodados “tubo bem”, “deixa prá lá” e outras expressões semelhantes.

Muitas vezes esses tipos de desabafos, como o acima referido, são eles próprios conformistas e pessimistas. Por não virem acompanhados de sugestões e estímulos a ações de mudança, eles sugerem mais a idéia de que somos e continuaremos sendo assim mesmo.

Não é, certamente, o caso de Fernanda Montenegro, por suas conhecidas posturas, por tudo que tem feito em favor do país. Ela é um dos patrimônios nacionais que nos faz ter orgulho de ser brasileiros.

Prefiro ser mais otimista. Percebo um crescente e silencioso movimento de cidadania. Quem ficar mais atento, verificará que a população começa a se interessar um pouco mais pela política, a votar melhor, a assumir responsabilidades sociais quando é chamada a isto, como nos casos da economia de energia na crise do “apagão”, na crescente utilização da Lei de Defesa do Consumidor, no combate à epidemia da dengue. Quando é estimulada a participar na comunidade: temos milhões de voluntários ativos no Brasil.

E vemos, claramente, que parte da mídia jornalística tem intensificado – com sucesso, diga-se de passagem – as investigações bem feitas sobre casos de corrupção, resultando em perdas de mandato, prisões e desmoralizações de figuras públicas. Começamos a ter punidade, nem sempre completada é verdade, mas já é um bom começo.

Mas esse movimento está ainda devagar, considerando a urgente necessidade que temos de mudar e melhorar o país. A cidadania ainda não está objetivamente direcionada e, por isto, com lentos efeitos práticos.

Vamos acelerar:

Se esse movimento não for acelerado, adiaremos mais ainda nosso progresso e outras gerações de brasileiros deixarão de ter melhor padrão de vida, oportunidades de desenvolvimento em carreira e realização pessoal e profissional. Nosso índices vergonhosos de pobreza, mortes infantis, crimes, falta de saneamento básico, etc., continuarão altos. Demoraremos a resgatar os padrões éticos na sociedade e assistiremos, por muito tempo, a escândalos de corrupção.

Precisamos promover, urgentemente, um grande movimento que poderia ser chamado de “vamos ter vergonha na cara”; mas talvez fique melhor ser denominado de “vamos melhorar o Brasil rapidamente através da cidadania”. Ou ainda de “o Brasil tem jeito sim. Depende só de nós”.

Todas as entidades e organizações sérias – escolas, associações profissionais, entidades de classe, ONGs, movimentos de cidadania, sindicatos e outras – deveriam abraçar essa campanha e dar sua contribuição da melhor forma que puderem. Se muitas iniciativas forem tomadas, a sociedade será rapidamente mobilizada.

Lembremo-nos do gesto do jovem que lançava estrelas do mar no oceano.

Estamos numa ocasião oportuna, num ano decisivo.

É imprescindível o apoio das mídias. O engajamento dos comunicadores de influência nessa campanha será decisiva.

Os objetivos desse movimento podem incluir, entre outros:

- Tornar a sociedade civil mais organizada e mais participativa em questões políticas.
- Promover campanha para escolha de melhores candidatos para presidente, governador, deputados e senadores.
- Pressionar os três poderes para acabar com a impunidade e melhorar as condições de segurança.
- Pressionar o governo para desenvolver planos objetivos que favoreçam uma melhor distribuição de renda, geração de emprego e redução da pobreza.
- Apoiar os governos para resolver os problemas crônicos que estão impedindo o progresso do país.

Os capítulos seguintes tratarão de algumas das nossas deficiências culturais. Assim como mencionarão alguns dos problemas crônicos de natureza política e econômica que o país precisa resolver de vez.

Uma trégua ao negativismo

"O pessimismo jamais ganhou uma única batalha."

Otto Von Bismark

A crítica depreciativa e a ênfase no negativismo chegaram, no Brasil, num estado tal que podem ser consideradas um vício mental e um comportamento social patológico. Que nada acrescentam, que nada constroem de positivo.

E que tende a nos fazer gostar de ser masoquistas. O que só pode prejudicar nosso desenvolvimento como povo e como nação.

Tornou-se, no Brasil, um costume, com características de vício, que deve ser considerado preocupante: fazer críticas com predominante carga negativista e com tons que variam de irritação, ironia ou deboche. Quase sempre voltadas para desmerecer, desvalorizar, desprestigiar, denegrir pessoas e instituições.

Não é exagero dizer que esse comportamento social caminha para uma condição patológica, por sua intensidade e constância, por mostrar-se uma fixação mental, por revelar-se como uma verdadeira neurose coletiva.

Se quisermos, encontraremos razões históricas e antropológicas para explicar por que tendemos a criticar mais do que a elogiar pessoas e situações. Encontraremos motivos no cotidiano da vida para ficarmos aborrecidos, contrariados, decepcionados.

O que preocupa é o fato de esse comportamento estar adquirindo uma condição de vício mental que nem percebemos. A ponto de ficarmos míopes às situações e aos aspectos positivos também verificados e observados na vida. A ponto de tendermos a ver só o lado negro e desagradável das coisas, da vida, do mundo.

Preocupa porque, com tal estado de espírito, prejudicaremos nossa qualidade de vida e teremos mais dificuldades para evoluir como sociedade e nação civilizada..

Ilustrações do negativismo:

Observe o leitor como nas rodas de pessoas, em qualquer tipo de reunião – festas sociais, encontros profissionais e outras – quando não se fala de futebol, não se conta piadas, quase sempre se está falando mal de alguma coisa: políticos, governos,

programas de televisão, técnicos de futebol, imprensa; ou se queixando de alguma coisa: trânsito, aumentos de preço, buraco nas ruas, etc. E mesmo quando se fala de futebol e se conta piadas, há muito de crítica e negativismo.

Observe também como nos programas de rádio e TV em que há comentários e debates, e nos artigos dos jornais, na maioria das vezes há algum tipo ou forma de crítica. Atente para o fato de existirem numerosos cronistas e articulistas na mídia escrita e falada que se dedicam a fazer análises e comentários críticos negativistas em mais de 90% das vezes.

Se somente criticar ajudasse a resolver problemas e a melhorar as coisas, seríamos o melhor país do mundo.

Esses jornalistas poderiam dar uma contribuição ao país – no final das contas a nós mesmos – propondo-se a falar de coisas amenas e positivas pelo menos em duas ou três de cada dez matérias.

Se quiserem, acharão motivos e assuntos sem maiores dificuldades. É só questão de ligar a antena.

Aqui vão três exemplos desses comportamentos, registrados recentemente:

i) Numa festa domingueira de aniversário – situação propícia para nos relaxarmos e esquecermos das agruras da vida – vi-me numa roda de pessoas em que a conversa rapidamente se dirigiu para falar dos assuntos do momento e dos problemas do cotidiano: convocados para a seleção brasileira, aumentos de preço, seqüestros, mais um caso de corrupção na política.

O que mais me marcou (não consigo me acostumar com o fato) foi observar como - em razão do vício de criticar – ficamos cegos aos lados positivos das situações.

Caso do preço da gasolina. Conforme política definida pelo governo, de acordo com as variações do preço do combustível no mercado internacional, o seu preço no Brasil diminui ou aumenta, de tempos em tempos, por critérios estabelecidos. Pois bem, vínhamos de uma diminuição do preço do combustível em torno de 20% (deveria ter sido 25%). Alguns meses depois três aumentos seqüentes levaram os preços a voltar à situação anterior. Mas, por ocasião da referida festa, tinham ocorrido dois aumentos somando 11%. Falou-se, enfaticamente, mal do governo, como é hábito, pelos “constantes aumentos de tudo”.

Não ocorreu a ninguém da roda fazer qualquer comentário do fato de ainda estarmos em **lucro de quase 10%**. E que não era costume, anteriormente, haver quedas de preço nos combustíveis.

Ou seja, a predisposição de criticar é tão forte que se fica cego a aspectos positivos do mesmo fato. E isto acontece em diversas situações que apresentam pontos positivos e negativos.

Como qualquer pessoa, também fico indignado com aumentos de preços, principalmente quando se percebe que há malandragens por trás deles, o que é muito

comum com determinados tipos de comerciantes como muitos dos proprietários de postos de gasolina. Também com os desencontros de informações do governo, e com algumas práticas monopolistas da Petrobrás, etc.

Não é a toa que me dedico à cidadania.

Mas permito-me ponderar que não podemos manter a simples postura de criticar, nem devemos engrossar o coro do exagerado negativismo, por suas maléficas consequências neste capítulo mesmo apontadas.

ii) Numa outra roda de pessoas, assisti, durante quase uma hora, uma seqüência enorme de citações de casos de violência, de crimes horrendos, de desgraças com pessoas, de problemas sociais em que, sempre, se culpa os governos por tudo.

O famoso antropólogo Roberto DaMatta disse, num artigo de jornal (Estadão), que se a agressão terrorista de 11 de setembro, em Nova York, tivesse acontecido no Brasil, muitos teriam culpado o presidente da república.

Outro mau hábito que precisamos rever. Este assunto é objeto do capítulo 9.

Quando se falou algo negativo com a citação do nome de Ayrton Senna (coisa rara, aliás), resolvi intervir para falar sobre o Instituto Ayrton Senna, instituição dirigida competentemente por sua irmã, Viviane Senna, voltada para questões sociais e de cidadania – o que a maioria não sabia ou “ouviu falar por alto”.

Em seguida enumerei diversos fatos positivos que estão acontecendo no Brasil no momento. As pessoas caíram em si e algumas fizeram um *mea culpa* por estarem se deixando dominar pelo negativismo doentio.

iii) Estando preso no terrível trânsito de São Paulo, durante vários dias seguidos, resolvi dar uma passada pelas emissoras de rádio que apresentam noticiários matinais e outras que mesclam notícias comentadas com músicas.

Fiquei impressionado de ver como os produtores dos programas selecionam, de diversos jornais, e enfatizam, as notícias e artigos com maior carga de negativismo. E fiquei impressionado, também, de ver como, em seus comentários, apresentadores destilam ironias e sarcasmos. Quando fazem referência a algo positivo, o fazem sem ênfase, sem destaque, quase que incomodados por terem que falar bem de alguma coisa relacionada com política e com o social.

Ilustrando, no caso da imprensa: um articulista de um jornal de economia – se não me engano do jornal “Valor”, resolveu contar em meses o tempo que o presidente Fernando Henrique passou viajando nos sete anos de seu governo, equivalendo a quase um ano. Depois dessa notícia, tem sido freqüente fazer-se comentários na mídia sobre o fato, quase sempre com tons de crítica e ironia.

Uma pessoa atenta, isenta e desprovida de preconceitos, poderia até ficar impressionada com o número de viagens, mas não esqueceria de lembrar dos grandes benefícios para o país resultantes delas. Nenhum presidente fez, até hoje, tanto em

termos de diplomacia e de elevação do nome do país lá fora como FHC. Mesmo os seus opositores reconhecem isso.

Não, repito, que sejam poucos os motivos para críticas. Pelo contrário, temos muitos e de variados tipos, em todos os setores da sociedade, principalmente nos governos. Mas o que se pretende evidenciar aqui e agora é o aspecto quase doentio dessa nossa fixação mental e da nossa postura. É verificarmos pouca preocupação com o contrabalançar as coisas boas e ruins do mundo em que vivemos.

Há muitas coisas bonitas, inteligentes, interessantes, de grande utilidade, benefício e valor também acontecendo nas nossas comunidades e no nosso país, ora bolas !

Daqui a pouco, no capítulo 7, veremos quantos motivos temos para sermos mais otimistas e podermos, como brasileiros, equilibrar melhor as coisas ruins e boas da vida.

O que se pretende destacar aqui e agora, também, é o fato de que, da maneira como são feitas, as críticas não constróem nada de positivo, não resolvem problemas. Inversamente, elas geram produtos inconvenientes como: **baixa auto-estima, derrotismo, pessimismo, alienação política e social, mentes pouco saudáveis.**

O que se pretende enfatizar aqui e agora, ainda, é o fato de estar se tornando em nós brasileiros não só um hábito, mas um prazer, fazer críticas e ser negativista. Estamos caminhando celeremente para nos tornarmos masoquistas.

Se atentarmos para essa realidade, poderemos ficar assustados com o quanto estamos enredados nesse hábito de criticar e falar mal. Isto não fará melhorar nossa qualidade de vida.

Se não revertermos essa situação patológica de negativismo, em breve começarão a surgir as “ANA”s – Associação dos Negativistas Anônimos”.

Permita-me o leitor um pequeno desabafo irônico.

Só não estamos numa condição psicológica mais desfavorável, na visão e sentimento do mundo e da vida, porque existem, em nosso país e em nosso meio, muitas coisas positivas que saltam aos olhos, mesmo sem que se chame a atenção para elas; porque temos fartura de entretenimento para compensar um pouco, e porque somos um povo realizador, criativo e com muita propensão ao otimismo.

Muita crítica, muito discurso e pouca contribuição prática

*"Nossos intelectuais mais críticos sempre se comportaram
diante da realidade como se nada tivessem com ela."*

Carlos (Cacá) Diegues

Estão faltando um pouco de engajamento e contribuições objetivas por parte de nossas elites intelectuais, em favor da cidadania e de campanhas para melhorar os padrões culturais em nossa sociedade.

De fato, o que mais se observa nas manifestações públicas das nossas lideranças e elites intelectuais são, de uma lado, muitas críticas (que reforçam o negativismo doentio mencionado no capítulo anterior). De outro, muitas análises de situações e interpretações de fatos. Fica-se apenas nelas. O que, por si só - e apesar de seu valor como produção intelectual - não ajuda para melhorar as coisas.

Muito raramente se vê analistas de situações políticas e sociais proporem sugestões práticas ou ações de cidadania para mudar as realidades negativas. Só parte dos artistas e dos jornalistas costumam oferecer algumas contribuições nesse sentido.

A idéia de “melhoria contínua” – chamada de Filosofia Kaizen - fortemente difundida nas empresas preocupadas com resultados, não chegou ainda nos outros setores da sociedade.

Eles – os diversos tipos de intelectuais mais negativistas – são os principais formadores de opinião em nossa sociedade, e sua grande influência resulta numa multiplicação do espírito crítico e analítico, e em pouco desenvolvimento do espírito de cidadania, pouco estímulo a ações práticas.

Por isto existe – permitam-me dizer – muita gente discursando e teorizando, e pouca gente sugerindo soluções ou agindo para ajudar a melhorar o nosso país.

O Brasil está precisando, neste momento, de que menos pessoas influentes reforcem o pessimismo, o negativismo, o conformismo, a acomodação, a alienação política.

O Brasil está precisando, neste momento, de que mais líderes influentes sensibilizem, estimulem e orientam as pessoas para se interessarem pela cidadania, pela participação política e social.

Que democratizem e compartilhem seus conhecimentos em favor de campanhas para melhorar nosso padrão educacional, para desenvolver culturas sociais positivas: ler, selecionar programas de tv, entender um pouco de artes, entender um pouco mais de questões políticas e econômicas, etc.

O país está precisando de intelectuais e líderes que ajudem a desenvolver na população a consciência de cidadania, do dever de participação em favor de melhorias na sociedade e solução dos problemas do país, ficando menos dependentes de governos.

Cabe incluir os educadores no conjunto dessas lideranças que precisam influenciar mais para mudar o comportamento das pessoas com vistas a melhorar nosso nível de politização e nossa consciência de cidadania ativa.

Permito-me insistir: estamos precisando, para melhorar o Brasil, um pouco menos de críticos e puros analistas de situações, e mais de educadores, orientadores e motivadores para mudanças.

Elevando a nossa auto-estima

*"O Brasil não conhece o Brasil.
O Brasil nunca foi ao Brasil."*

Maurício Tapajós e Aldir Blanc

*"O Brasil poderá ser no futuro um modelo
de harmonia para o ser humano"*

Akihiro Nakae
Do livro
"Que Brasil é Este?"

Nossa auto-estima tem oscilado muito entre alta e baixa. Após a leitura deste capítulo, poderemos concluir que temos razões pessoais, e como cidadãos do Brasil, para mantê-la mais permanentemente alta.

A auto-estima ou auto-imagem dos brasileiros tem variado bastante, principalmente nas duas últimas décadas, em função dos altos e baixos da economia - mais baixos do que altos, na verdade - e dos conseqüentes avanços e retrocessos nas suas condições de vida, assim como dos fatos positivos e negativos que se têm alternado no país.

Uma observação mais atenta do caráter dos brasileiros, de um lado, e o balanço dos fatores que influenciam a baixa ou alta auto-estima, de outro, mostram, entretanto, que, é maior a tendência de sermos confiantes e otimistas, e de mostrarmos mais positiva auto-estima.

No meu livro anterior há uma série de citações e argumentos mostrando que há mais motivos para termos alta do que baixa auto-estima. Tendo em vista o propósito deste livro de ser mais breve, transcrevo parte deles:

- Regra geral, as pessoas que viajam ao exterior por um tempo maior, falam da grande saudade que sentem do país e afirmam que o Brasil é, em muitos aspectos, melhor para se viver. O jornal O Estado de São Paulo publicou, no dia 22 de abril de 2001,

matéria mostrando que os melhores cientistas brasileiros que vão trabalhar no exterior sempre voltam, porque preferem morar aqui no Brasil.

- A maioria de estrangeiros residentes no país que foram chamados a opinar sobre as características dos brasileiros e sobre o Brasil, fazem referências sinceras e predominantemente positivas sobre ambos.

Eis uma informação que lava a nossa alma: trecho de um artigo de Matthew Shirts, americano radicado no Brasil, articulista do jornal O Estado de São Paulo, comentando o resultado da pesquisa sobre os brasileiros, feita pelo Instituto Vox Populi:

“Se o Brasil fosse deitado no divã de um psicanalista, receberia alta logo. É um país resolvido. Restaria o problema de como quitar a conta, apenas. Não tem nenhum problema que um dinheiro bem aplicado não resolvesse.

Ao contrário dos Estados Unidos, para variar. Os americanos poderiam pagar a sua análise sem dificuldades. Mas bastava deitar uma só vez para nunca mais sair do divã.

Muita gente ainda cultiva estas idéias erradas:

Para aqueles que ainda acreditam que a causa básica dos nossos problemas se origina do fato de o Brasil ter sido colonizado por degredados, por párias da sociedade portuguesa:

- Os ingleses também enviaram degredados para colonizar a Austrália e, no entanto, este país está muito evoluído, tendo superado problemas semelhantes aos do Brasil.

- Como disse o professor e sociólogo Darcy Ribeiro, que foi vice-governador do Rio de Janeiro: “Quem pensa que uma colonização Holandesa teria sido melhor, nunca foi ao Suriname.”

- E como mostra a Sra. Marlene Porto, autora de um livro sobre o Brasil, citado na bibliografia: “A influência portuguesa e negra na base desta pirâmide migratória foi importantíssima na formação do caráter do povo brasileiro, caracterizado por sua maleabilidade, resistência, habilidade e adaptabilidade” E mais: “As outras injeções sangüíneas que posteriormente foram aplicadas, acrescentaram culturalmente hábitos e costumes que enriqueceram ainda mais o espírito fértil do nosso povo.”

Conclusões de um valioso estudo:

Mais um precioso depoimento a respeito do Brasil, que poderia enterrar de vez as tentativas inconsistentes de encontrar, na nossa formação como país e como coletividade, justificativas para nossas fraquezas e defeitos.

A seguir, trechos de um capítulo do livro “Que Brasil é Este?”, do cientista social Benedicto Ferri de Barros:

“Na atualidade enfrentamos grandes problemas ... transformamos nossos incômodos em um julgamento do Brasil. Mais do que inconveniente e injusto, isso é falso. Não é o retrato da nação. Não corresponde ao que fizemos, ao que somos, nem ao que estamos fazendo e poderemos fazer ... um retrato mais confiante, mais generoso, mais justo, mais fiel e mais real do Brasil. Mais real e fiel sobretudo.”

“O Brasil é uma das mais jovens de todas as nações do mundo. Como nação não tem mais do que 166 anos (1822-1988) ... uma nação com menos de dois séculos está ainda em sua infância histórica e cultural. Neste curto período, conseguimos, entretanto, integrar em um todo um território de dimensões continentais, criar uma cultura original, elevar-nos a sétima economia do mundo.”

“É preciso considerar que, em 1808, fim do período colonial, o Brasil não tinha mais do que quatro milhões de habitantes, aglomerados em cinco núcleos demográficos isolados, distantes entre si, sem menor apreço uns pelos outros...”

“O período colonial representou trezentos anos de isolamento do mundo. O comércio e a navegação eram objeto de monopólios privados concedidos pela Coroa; as indústrias eram proibidas; inexistia escolas superiores ...”

“Assim, enquanto o crescimento dos Estados Unidos e o progresso de nações como o Canadá, a Austrália, a África do Sul podem ser vistos como obra de colonização ... no Brasil, ao contrário, o desenvolvimento foi feito essencialmente por nós mesmos ... Este é um ponto fundamental, freqüentemente omitido ou minimizado na avaliação do esforço e do desempenho dos brasileiros.”

“A despeito de sua extensão geográfica e das disparidades étnico-regionais ... o Brasil é reconhecido por todos os estudiosos como a nação dotada de maior homogeneidade cultural e do mais alto grau de integração étnica, entre todas as nações do mundo.”

“Em quaisquer outros países, jovens e velhos, as discrepâncias regionais, os contrastes étnicos, as diferenças lingüísticas, religiosas, culturais e raciais são mais acentuadas do que entre nós.”

“... o universalmente reconhecido espírito brasileiro de abertura, acolhimento e calor nas relações pessoais ... Trata-se de uma variedade única de relacionamento humano, imediatamente percebida por qualquer visitante estrangeiro, assim como por qualquer brasileiro que visite outros países”

“Na escala mundial, inexistente povo mais aberto, mais livre de barreiras humanas e pessoais do que o nosso.”

“Entre 1870 e 1987 o Brasil foi o país que mais cresceu entre todas as nações do mundo. Nesse período, o produto interno bruto (PIB) aumentou 157 vezes, o do Japão 84 vezes e o dos Estados Unidos 53 vezes.”

Não somos só o país do carnaval e do futebol:

“Somos o país do futebol e do carnaval” é um chavão que muitos repetem, talvez refletindo pouco sobre o que isto significa, e sem notar que o Brasil tem evoluído em muitos assuntos e mostra outros valores e produções, por efeito de muitas virtudes de seu povo, como se viu e como veremos a seguir.

Ser o país do futebol e do carnaval já seria, entretanto, motivo de muito orgulho para nós. Agora, com a facilidade das comunicações, podemos ver o quanto outros países se esforçam para serem bons em futebol e como vitórias de suas seleções causam muita satisfação e orgulho ao povo. Quanto ao carnaval, cresce a cada ano o número de turistas que vêm ao Brasil ver nosso carnaval e sempre mostram-se positivamente impressionados com o que vêem. Já foram registradas várias tentativas de diferentes grupos de pessoas de levar nosso tipo de carnaval de rua para seus países.

Vejamos valores das escolas de samba que muitos não querem ver ou resistem em reconhecer. Há um certo preconceito pelo fato de muitas escolas do Rio terem bicheiros como patronos.

O que não pode tirar o mérito da grande população que as organiza e mantém, cria enredos, desenvolve temas, produz alegorias, etc., com muita motivação, seriedade e capacidade.

Existem centenas de escolas de samba e outras formas de organizações carnavalescas por todo o Brasil, que mostram organização, criatividade e competência. Portanto, bicheiros à parte, e considerando que na maioria das cidades onde existem essas agremiações eles não estão presentes – ou tão fortemente presentes, ou nem sempre patronos – as escolas de samba:

- representam uma espécie de opera ambulante que reúne diversas artes e conhecimentos ao mesmo tempo (literatura, história, folclore, música, dança, ritmo, escultura e outros);*
- constitui, indubitavelmente, a maior, mais criativa, bonita e impressionante realização festiva popular em todo o mundo.*
- representa a síntese da capacidade e personalidade do povo brasileiro: inteligência, criatividade, versatilidade, alegria, otimismo, capacidade de trabalho e realização, de modo especial capacidade de mutirão e solidariedade.*
- Gera muitos empregos e promove trabalhos educativos nas suas comunidades.*

Mas podemos dizer, como muito orgulho, que somos também o país:

- De música variada e bonita*
- Dos pilotos de corrida*
- Das melhores novelas*

E estamos entre os melhores do mundo em:

- Tênis*

- Voleibol
- Hipismo
- Futebol de salão
- Basquetebol
- Judô
- Natação

Somos primeiros, ou um dos primeiros, produtores do mundo de:

- Soja, café, açúcar, milho, arroz, feijão, farinha de trigo, ovos, laranja e banana.
- Gado bovino e eqüino, de suínos e frangos (a agropecuária do Brasil é uma das maiores do mundo).
- Automóveis, ônibus, aviões regionais, alumínio, cimento, calçados, brinquedos, pisos e azulejos, fertilizantes, álcool, borracha e outros.

E mais:

- Temos uma das melhores televisões do mundo.
- O Brasil tem uma das propagandas mais premiadas do mundo.
- Somos quase auto-suficientes em produção de petróleo.
- Temos a maior produção de combustível alternativo para veículos.
- Temos um dos maiores parques industriais e a oitava ou nona economia do mundo.

Para terminar:

Segundo pesquisa promovida pela revista Carta Capital, em 2001, seis das dez empresas mais admiradas no país são brasileiras: TAM, Embraer, Votorantim, Natura, Gerdau e AmBev.

Novas maneiras de ver a cidadania

"Precisamos, todos nós, estar cientes de que são os cidadãos que constróem a sociedade, não os governos

Victor Civita

"As pessoas é que fazem a história...que cada um sinta que é dono do país."

Mikhail Gorbachev

"Não pergunte o que o país pode fazer por você, mas o que você pode fazer pelo país"

John F. Kennedy

"A história de todos os povos mostra que é a sociedade que muda mentalidades, não as elites"

Ricardo Semler

Praticar a cidadania não é só um ato de responsabilidade social, que contribui para o bem de sua comunidade e de seu país.

Pode ser também, e principalmente, uma forma de desenvolvimento e realização pessoal, e ainda uma maneira de ser mais feliz na vida.

São feitas rápidas referências sobre cidadania em outros capítulos. Neste, serão apresentadas idéias diferentes e inovadoras sobre uma das principais questões para um desenvolvimento sustentado e crescente, principalmente cultural (comportamental) e da política – a **cidadania**.

Um povo com fraco espírito e pouco hábito de cidadania não consegue constituir uma sociedade bem organizada e integrada, com instituições sólidas, eficientes e respeitadas. Uma sociedade culturalmente evoluída.

Povo com pouco espírito e hábito de cidadania se deixa ser mal governado, desrespeitado, afrontado e é objeto de toda sorte de explorações e abusos. Como decorrência ou em reação a isto, desenvolve condicionamentos psicológicos e comportamentais indesejáveis (alienação política, acomodação, conformismo, etc.), enfraquecendo mais ainda sua condição de cidadania o que, por sua vez, fragiliza mais as comunidades ou a sociedade de que faz parte.

Pelo contrário, uma sociedade com forte espírito e participação de cidadania organiza e mantém instituições sólidas, úteis, respeitáveis e produtivas. Previne-se contra deteriorações éticas e sociais. Sabe lidar com crises circunstanciais de maneira pronta e eficiente. Sabe resolver problemas comunitários por conta própria com espírito de solidariedade. Sabe ser efetiva e evolutiva em sua participação política. Sabe melhorar seu padrão e qualidade de vida.

Cidadania que muda e traz resultados:

Este capítulo objetiva introduzir esta importante questão que a sociedade precisa ter clara e viva, rapidamente: a **cidadania** é a principal, se não a única, saída para resolvermos muitos problemas que nos aborrecem, dificultam as nossas vidas e impedem o progresso do nosso país.

Só com mais espírito e atuação de cidadania poderemos melhorar a política, a atuação dos governos – por consequência os problemas econômicos e sociais – e o nível cultural e civilizatório da nossa sociedade. Com maior participação política – nos dois sentidos, conforme vimos no capítulo anterior – individual e coletiva, mudaremos as coisas para melhor em nossas comunidades, cidades, estados e país.

É preciso que desenvolvamos o conceito de cidadania, porque as idéias predominantes a respeito não asseguram que ela possa ter todo o poder acima indicado. Neste livro pretendo dar um passo a mais nas teses sobre cidadania que tenho defendido em outros dois livros já citados.

No último, *Chega de Ser o “País do Futuro”*, a tese defendida é a de que podemos transformar a cidadania no **5º poder da nação**, se aumentarmos nossa conscientização, nos organizarmos melhor como sociedade civil e, principalmente, direcionarmos nossas participações com mais objetividade e sentido de resultado.

Neste livro quero registrar uma idéia desenvolvida após a publicação desse último. Trata-se da idéia de dividir a evolução da cidadania, no Brasil, em três estágios:

O primeiro, iniciado após os vinte anos de ditadura militar, refere-se à visão de cidadania com maior sentido de reivindicação de direitos. Até recentemente (muitos ainda insistem neste tecla), falava-se em cidadania para reclamar direitos concedidos pela constituição aos cidadãos, que os governos não estão conseguindo proporcionar a grande parte da população, como alimentação, moradia, trabalho, educação, segurança e outros. Significando que exercer cidadania é reivindicar tais direitos e ter cidadania é usufruir deles. Apesar de ter fundamento e validade, essa forma de considerar a cidadania não é a mais objetiva maneira de pretender melhorar as coisas para a população, porque um tanto inviável, só dá responsabilidade ao governo e tem um forte sentido paternalista.

Um segundo estágio da cidadania, mas ainda convivendo com o primeiro, predominante no momento e que tem evoluído bastante com o movimento de voluntariado, é a cidadania assistencialista, de solidariedade, voltada para cobrir as faltas e deficiências dos governos. São aqueles movimentos – merecedores de elogios, é verdade – voltados para tirar meninos das ruas, levar alimentos para pessoas carentes, proporcionar ensino para adultos, levar carinho e alegria para crianças hospitalizadas (exemplo do famoso grupo Doutores da Alegria), levar carinho para velhos em asilo e dezenas de outras formas similares de ajuda.

O terceiro estágio de cidadania, aquele para o qual precisamos evoluir, é o da cidadania “agente de mudanças”, da cidadania “empreendedora de soluções”, da cidadania de “resultados”. Esta é a cidadania que pode tornar-se o 5º poder da nação e é a única que tem condições de acelerar os processos que irão melhorar nossa qualidade de vida, nossa evolução cultural e fazer deslanchar o desenvolvimento do país.

Sou otimista quanto a possibilidade de esta idéia sensibilizar as lideranças de cidadania, as quais poderiam tomar a iniciativa de promover no país, rapidamente, encontros, fóruns, congressos com participação de representantes de todas as entidades e organizações voltadas para evolução da cidadania, objetivando discutir e implementar essa idéia.

Cidadania que valoriza e dignifica a vida:

Existe uma crença um tanto generalizada de que uma parte da nossa vida é mais de sacrifício e de menos prazer – aquela em que nos dedicamos ao trabalho e às responsabilidades sociais. A outra parte, de lazer e entretenimento, é aquela que nos traz mais satisfação e alegria.

Mas isto é só parte da verdade. Na medida da evolução do mundo, da evolução do trabalho e da democracia, estamos descobrindo novas maneiras de ter satisfação na vida. Um exemplo disto são as recompensas e satisfações que poderemos ter com a prática da cidadania.

A cidadania deve ser vista, portanto, mais do que como uma responsabilidade de cidadão. Também como uma função normal da vida que proporciona realizações e satisfações pessoais. A cidadania pode, tanto como o trabalho gratificante e como o lazer, trazer-nos muitos benefícios e alegrias.

O ser humano não só gosta como também tem necessidade de participar, de contribuir, de ser útil. O ser humano é, por natureza, sociável e, portanto, tende a gostar da participação política e social. É preciso serem criadas as condições para que isto aconteça de forma madura, organizada e construtiva, pacífica e democrática.

Por outro lado, quem tem pouca atuação política ou de cidadania não só deixa de cumprir sua função de cidadão, mas também diminui suas possibilidades de realização pessoal e de desenvolvimento de mais conhecimentos e habilidades. Deixa de ampliar possibilidades e de enriquecer, de tornar mais significativa e nobre a sua vida.

Os benefícios mais aparentes da cidadania:

- Ajuda a resolver problemas sociais, econômicos, políticos e culturais na sociedade.
- Melhora o nível de civilidade e patriotismo do povo.
- Contribui decisivamente para melhorar o padrão da política e de comportamento ético.
- Aumenta em nós a sensação de ser útil à sociedade e ao país.
- Melhora a organização da sociedade e a qualidade da nossa vida.
- Fortalece a democracia.

Onde a cidadania evoluir é pouco provável que ocorra volta de regimes autoritários, e haverá concretas possibilidades de encontro com o que há de melhor do capitalismo e liberalismo com o que for mais pragmático, sensato e maduro do socialismo. Haverá menos extremismo ideológico. Haverá menos abusos políticos. Haverá mais solidariedade e entendimento.

Os benefícios não tão aparentes:

- Promove o desenvolvimento cultural da população.
- Melhora a auto-estima individual e coletiva.
- Fortalece a solidariedade humana.
- Favorece o crescimento de amizades.
- São criadas novas oportunidades para colocarmos em prática nossos conhecimentos, inteligência, criatividade e habilidades. Nem sempre o trabalho profissional e os deveres domésticos nos permitem aplicar todo nosso potencial intelectual e de conhecimento.
- E até gera empregos.
- Por tudo isso, a vida se torna mais interessante, gratificante e dignificante.

Do livro “100 Segredos das Pessoas Felizes”, tiramos as seguintes receitas para ser feliz que se aplicam ao nosso caso:

- Não deixe sua vida girar em torno de uma coisa só.
- Estar ocupado é melhor do que estar chateado.
- Precisamos sentir que somos necessários.
- Participe de um trabalho voluntário.
- Junte-se a um grupo.

- Abra-se para novas idéias
- Seja uma pessoa positiva
- A sua vida tem um propósito e um sentido

Fazer o bem faz bem:

Foi lançado recentemente, também, um livro que tem este nome, *Fazer o Bem Faz Bem* (lembro que todos os livros mencionados fazem parte das Referências Bibliográficas), que mostra os prazeres do trabalho voluntário, que é uma das formas de cidadania. Estimula às pessoas atuarem como voluntárias, com espírito de ajuda e solidariedade, mas de forma organizada, criando ou participando de uma **Organização de 3º Setor**, o tipo de organização que mais cresce no mundo.

Para quem ainda não tomou conhecimento deste assunto:

São três os tipos básicos de organização:

1º Setor – corresponde as organizações do Estado, as organizações governamentais.

2º Setor – são as organizações privadas com fins lucrativos: indústria, comércio, serviços.

3º Setor – representa as chamadas organizações **não governamentais**, cuja abreviatura é ONG, e são voltadas para o social, especialmente para cumprir funções sociais próprias da sociedade ou complementarmente às responsabilidades dos governos. Elas não têm finalidade lucrativa, mas precisam encontrar formas de sustentação. Outro tipo de entidade, mais antigo, com essa finalidade, são as **Fundações**. A maior parte das pessoas que atuam em ONGs, o fazem como voluntários, sem remuneração.

Em uma das edições do Jornal Nacional, da Rede Globo, falou-se da existência de mais de 30 milhões de voluntários no Brasil. Pessoas que trabalham pelo menos uma hora por semana em algum movimento ou organização de ajuda social.

Em uma palestra proferida por um especialista em ONGs, foi dito que já existem no Brasil alguns milhares dessas organizações, número tão alto que, por medida de cautela, prefiro não mencionar. Mas o surgimento continuado de novas ONGs e novas fundações é uma realidade.

O livro mostra grande quantidade de atividades e movimentos voltados para o social, com participação de voluntários, e o depoimento de muitas pessoas - empresários, profissionais liberais, empregados de empresas diversas - que reservam parte de seu tempo em trabalhos voluntários, o que lhes proporciona grande satisfação e alegria na vida.

Transferência de responsabilidade

"Acreditar em algo e não vivê-lo é desonesto"

Mahatma Gandhi

É bom estarmos inspirados por estas novas idéias sobre cidadania.

Porque temos muito a melhorar no nosso país e temos necessidade e urgência de resolver alguns problemas culturais que dificultam o nosso progresso.

Veremos agora um dos mais sérios desses problemas.

Muitas vezes me vi na situação de defensor de governos (acabo de me dar conta de que neste livro também), quando quase todos se posicionam contra eles, quando se fala de política em reuniões sociais e profissionais de que participo; eventualmente em palestras e em outras situações onde surge uma oportunidade de fazê-lo.

A freqüência desse gesto não tem sido pequena, porque – já se disse – um dos esportes preferidos dos brasileiros, influenciado por boa parcela de formadores de opinião, é falar mal de governos.

Defensor mesmo de alguns presidentes e governadores em quem não votei ou cuja ascensão ao poder, por meios não eleitorais, não considerava meritória ou adequada.

Não porque estivessem fazendo bons governos; pelo contrário, quase sempre deixaram muito a desejar. A razão é que alguns aspectos negativos da nossa cultura social e política, como estes a seguir, incomodam meu espírito de justiça, ética e de cidadania:

A grande tendência que temos de transferir responsabilidades por erros ou existência de problemas para outros, de modo específico de responsabilizar o presidente da república por todas as crises econômicas e sociais e pelos problemas não resolvidos, não importando se são antigos, herdados ou de responsabilidade compartilhada com os outros poderes (Legislativo e Judiciário).

Não é de agora também que abordo esta questão em livro. Já em *"Cidadania – o Remédio Para as Doenças Culturais Brasileiras"*, de 1992, trato dessa nossa cultura de transferir responsabilidades para governos, deixando de assumir papéis que nos cabem na solução de problemas da sociedade.

Uma outra forma de transferência de responsabilidade tem sido enfaticamente mostrada por muitos dos oposicionistas e críticos do governo, quando o condenam por se submeter ao neoliberalismo, à globalização e às imposições do FMI.

Ainda que cada um destes três fatores externos mereçam reparos críticos, algum tipo de condenação, na verdade eles não são causas principais dos nossos problemas. Apenas ajudam a piorá-los. Eles, os nossos problemas, existem, e persistem, porque têm sido mal administrados pelos governos e pela sociedade. Trataremos melhor deste assunto no capítulo 10.

Somos demasiados impacientes e cobramos dos governos soluções imediatas para os problemas, a maioria deles antigos e complexos. Não costumamos levar em conta que presidentes, governadores e prefeitos têm suas limitações legais, de recursos e para tomar decisões.

Como é o Poder Executivo que implementa programas e gerencia os órgãos operacionais da administração pública, fica parecendo que esses governantes possuem mais poderes do que realmente têm. O governo é composto de três poderes e muito do que se cobra do Poder Executivo depende de decisões do Poder Legislativo. E, com frequência, o Judiciário dificulta as coisas para o Executivo.

Gostamos de ser contra e de criticar governos. Fazemos isto com muita facilidade e muitas vezes com leviandade. É de tal forma intenso esse espírito crítico e oposicionista que pessoas com visão diferente costumam ter vergonha de falar bem de governantes. Mesmo quando existem razões inquestionáveis.

Temos que reconhecer que, em política, ainda somos muito subdesenvolvidos. Não nos damos contas, por exemplo, de que governos são sustentados pela população e organizações civis da sociedade, e existem para servi-las. Assim sendo, é pouco inteligente ficar contra eles e apoiar com facilidade os que interesseiramente lhe fazem oposição e dificultam suas ações. Temos que fazer críticas, sem abusos, como forma legítima de pressão, mas não para criar ou favorecer ambiente dificultador da governança (esta expressão pode soar arcaica, mas está na moda) .

Temos é que encontrar formas de apoiá-los, de estimulá-los a empreender e torcer pelo seu sucesso. Porque quem ganha com isso somos nós.

Por várias razões – comerciais, ideológicas, estratégicas, operacionais, e outras – as mídias (exceto as tv's por assinatura) favorecem muito esse estado de coisas; e contribui tanto para a formação como para a deformação da opinião pública. As mídias – não só jornalísticas, mas até de entretenimento – têm sido uma excelente plataforma para todos os tipos de influências negativas e manipulações da opinião pública; plataforma para demagogos, sofismadores (que iludem com argumentos falsos ou manipulados), oportunistas, mais do que para pessoas ponderadas, criteriosas, isentas.

O capítulo final (“Se eu pudesse”) é inspirado nessa realidade.

Olhar para o próprio umbigo

"Evitam-se os males da globalização não só com sua rejeição ... mas também com ataque às inconsistências político-econômicas internas."

Daniel Piza

"Ou o Brasil acaba com o déficit público, ou o déficit público acaba com o Brasil"

Mário Amato

Crises econômicas, corrupção, desemprego e outros problemas sociais são conseqüências.

Não podemos continuar resistindo a querer ver que grande parte das causas dos nossos problemas estão na sociedade e que precisamos atacá-las objetivamente.

A não ser que queiramos ficar eternamente queixando da vida e nos tornarmos doentiamente masoquistas.

Foi mostrado, no capítulo anterior, como se manifesta a cultura de transferência de responsabilidade da população e sociedade para governos, relativamente aos problemas sociais, principalmente. E em diversos momentos do livro já se fala da necessidade de buscarmos em nós próprios saídas para problemas fundamentais, as quais serão condições básicas para solução de outros problemas.

Como é o caso da condição sobre governabilidade, questão fundamental para solução de muitos problemas crônicos que temos e estão retardando nosso progresso, como se verá no capítulo 14.

No que se refere aos problemas macro-econômicos do país, analistas e críticos da política e da economia têm exagerado em transferir quase todas as responsabilidades pela existência dos nossos problemas ao FMI, ao neoliberalismo e à globalização. Trata-se, aqui também, de uma transferência de responsabilidade indevida, que não vai nos ajudar a nos livrarmos de nossos problemas mais graves e urgentes. Precisamos primeiro nos impor deveres de casa (para evitar que entidades externas, como o FMI, continuem nos impondo os seus).

Olhando para o nosso próprio umbigo.

Se tivéssemos uma boa situação de país como a dos ingleses, franceses e canadenses, por exemplo, poderíamos nos dar ao luxo de priorizar nossas atenções e preocupações políticas para resolver os problemas da humanidade, particularmente da pobreza e preservação do meio-ambiente em abrangência mundial. E aí, sim, poderíamos atribuir maior responsabilidade ao FMI, ao neoliberalismo e à fase da globalização por vergonhosos índices de pobreza em países da América Latina, África, Ásia e Oriente Médio.

Diferentemente de outros países com altos índices de pobreza, entretanto, nós temos totais condições de acabar, por conta própria, com as causas dos nossos problemas, inclusive este. Eles existem desde antes da existência do FMI e da aceleração do processo da globalização. Ademais, o FMI foi criado para ajudar países em dificuldades geradas por suas incompetências ou corrupções governamentais. Depois que o problema chega a situações insustentáveis, recorre-se a esta instituição que, como sabemos, intervém duramente. Um duramente que, de fato, nos incomoda e atrasa nosso desenvolvimento.

Pode-se fazer uma analogia dessa com uma situação de doença pessoal que, por negligência nossa, chegou num ponto que requer operação. O cirurgião não conseguirá eliminar nosso mal sem nos causar terríveis incômodos.

A questão está em criarmos as condições para não dependermos mais dessa às vezes desagradável e já reconhecidamente retrógrada entidade que é o FMI.

Com o objetivo de contribuir para um melhor entendimento dos assuntos aqui focados, principalmente por parte das pessoas ainda não familiarizadas com eles, e fazendo um grande esforço de síntese, para não tornar a leitura cansativa, aqui vão algumas considerações sobre globalização e neoliberalismo.

Sobre globalização:

No que se refere à tão condenada globalização, vejamos alguns de seus aspectos:

- ♦ Trata-se de um processo histórico de expansão e descentralização política, econômica e cultural que sempre existiu. O que caracteriza o processo de globalização na atualidade é a sua velocidade. Aliás a característica principal de todas as mudanças que estão acontecendo no mundo (o mundo mudou mais nos últimos trinta anos do que em todo o tempo anterior de sua existência) é a velocidade, que muitas vezes nos impacta fortemente, nos assusta, nos pega desprevenidos.

Você, leitor, de vez em quando não fica assustado com a velocidade da evolução da informática? Com a velocidade das mudanças na tecnologia bancária?

- ♦ A busca de expansão do Império Romano, as cruzadas, a divulgação da religião católica pelos jesuítas, as viagens de descoberta nos séculos XV e XVI, a colonização de países descobertos pelos ingleses, franceses, holandeses,

espanhóis e portugueses, tudo isto representou processos de globalização. Como considerar a formação da União Europeia se não como um processo de globalização? Se doze países já participam da União Europeia é porque esperam beneficiar-se com isto.

- ♦ Focaliza-se, nas críticas à globalização, apenas o seu lado económico. Mas existem processos de globalização também culturais (inclusive da culinária), lingüísticos, científicos, tecnológicos, organizacionais e até mesmo políticos.
- ♦ É um fenómeno mais ou menos natural como a lei da gravidade, e inexorável. A globalização não é uma escolha consciente de ninguém; não foi planejada, não tem um condutor, um direccionador central, uma liderança única, embora países e organizações mais fortes tirem mais proveito da situação.
- ♦ Requer que haja mais adaptação do que resistência a ele.
- ♦ Pontos positivos e negativos da globalização normalmente apontados:

a) Negativos:

- Aumenta a desigualdade entre as nações. Países mais ricos ficando mais poderosos.
- Associada ao neoliberalismo, organizações multinacionais poderosas tendem a ficar mais fortes do que governos.
- Aumenta a desigualdade da distribuição de renda; aumenta as exclusões e a pobreza.
- A força do poder económico afetando a ecologia
- Globalização das doenças, da violência, do crime organizado.

b) Positivos:

- Promove mais equilíbrio e crescente interdependência entre as nações.
- Reforça a tendência do fim das guerras entre nações.
- Formação de blocos económicos, como é o caso da União Europeia, da Alca, do Mercosul, do bloco asiático, diminuindo a hegemonia económica de poucos países.
- Abre mercado e favorece a competitividade também de pequenas e médias empresas.
- Maior rapidez de nivelamento dos conhecimentos entre os países.
- Globalização da democracia, da qualidade e produtividade, das artes, de culturas positivas, etc.
- Aumento da solidariedade universal

Acredita-se que, a médio e longo prazos, feitos os ajustes necessários e promovidas as melhorias convenientes, a globalização vai trazer mais benefícios a todos. A reação aos pontos negativos da globalização vai levar à solução de problemas de interesse de países prejudicados com a primeira forte onda de globalização dos tempos modernos. Vai promover entendimentos que beneficiem à maioria, como, por exemplo, em relação ao protecionismo de mercado, uma das maiores queixas dos países pobres e em desenvolvimento em relação aos países ricos.

Afinal de contas, acabar com a pobreza interessa a todos, principalmente aos países capitalistas e produtores.

Sobre Liberalismo ou Neoliberalismo:

Constituem doutrinas ou modelos operacionais que incluem questões econômicas, políticas e sociais. Fundam-se nos princípios do capitalismo e preconizam as liberdades de pensar, agir e empreender. Pregam a intervenção cada vez menor do governo na sociedade, enfatizando as teorias econômicas de livre mercado. O oposto do liberalismo é o socialismo, que propõe forte intervenção do Estado na política, na economia e no social, objetivando evitar abusos do capitalismo e diminuir as desigualdades sociais.

A doutrina liberal pressupõe igualdade de oportunidades, em função das liberdades de decidir e empreender, destacando que os mais competentes serão mais bem sucedidos e que isto é justo. A realidade mostra, porém, que isto seria possível numa situação mais evoluída das sociedades. Até lá, as oportunidades e a justiça não são tão fáceis de se obter.

O modelo tem mostrado uma grande tendência de concentração de riquezas na mão de poucos e injusta distribuição de renda. Isto é mais verdade, quanto menos desenvolvidos forem os países. Assim como é verdade que nos países cultural e economicamente mais desenvolvidos como Canadá, Alemanha, Japão, França, Inglaterra, EUA e outros, há muito melhor distribuição de renda.

O que diferencia os países economicamente desenvolvidos daqueles em desenvolvimento ou subdesenvolvidos é o tamanho das classes pobres e média existentes neles.

De uma maneira resumida, o que países como o Brasil precisam fazer é aumentar gradativamente o tamanho de sua classe média. E isto só pode ser feito com distribuição de renda. E distribuição de renda não se faz por decreto, por vontade de governo, contrariando leis do mercado. Só através do desenvolvimento econômico, que precisa ser ajudado pelo desenvolvimentos político e cultural.

O socialismo propõe a eliminação das desigualdades através da intervenção do Estado. Intervenção esta que só pode ter sido exercida, até agora, através de regimes autoritários, precedidos de tomada do governo por meio de revoluções sociais. As ditaduras que sustentaram os governos socialistas foram tão ou mais duras e criminosas do que as que sustentaram ditaduras para proteger o capitalismo de ameaças.

Como resultado de experiências práticas, o socialismo fracassou mais do que o capitalismo, conforme nos mostra a história dos países no século XX.

Bons e maus capitalismos:

Conforme disse o ex-ministro Luiz Carlos Bresser Pereira, em uma palestra a que assisti, no auditório da Folha de São Paulo, não existem alternativas ao capitalismo, mas há alternativas de capitalismos. Existem bons e maus capitalismos.

De minha parte acrescento que bons capitalismos assimilam bem alguns preceitos do socialismo.

Já que, com todos os seus defeitos, o capitalismo mostrou-se mais viável do que o socialismo, o caminho parece ser o de procurar aperfeiçoá-lo de forma crescente e determinada. É preciso tirar-lhe cada vez mais suas características de **“selvagem”**, **desumano** e **causador de desastres ecológicos**.

Na verdade isto já tem acontecido. Temos maior quantidade de bons capitalismos hoje do que no passado. Aumenta a cada ano o número de empresas chamadas “cidadãs” ou com maior senso de responsabilidade social. Empresas que cumprem leis trabalhistas, que concedem melhores condições de trabalho aos seus empregados e que os tratam com maior dignidade. E também muito mais responsáveis na prevenção de acidentes e preservação do meio-ambiente.

Para ilustrar a evolução do capitalismo: ele foi muito mais “selvagem” e desumano, quanto mais voltamos ao passado. No início da era da industrialização (século XIX, os trabalhadores eram semi-escravos, trabalhavam 14 horas por dia, inclusive aos sábados, ganhavam pouco, tinham péssimas condições de trabalho e nenhum direito trabalhista.

Há muito que trabalham muito menos horas por dia, com mais descanso semanal, com muito melhores condições físicas e ambientais de trabalho, percebendo melhores padrões salariais e recebendo numerosos benefícios, com muitos direitos determinados por leis.

A maioria das empresas treina suas lideranças (chamados, no passado, de **feitor** e **capataz**) para tratar melhor e saber motivar seus subordinados. E cada vez mais está passando a chamar o pessoal de **colaborador** ao invés de **empregado**.

A existência de sindicatos e sua atuação firme contribuiu muito para essa evolução. Não foi necessário fazer nenhuma revolução nem mudar regimes de governo para alcançar esses avanços. Que poderão – e precisarão – continuar acontecendo.

Duas tendências em franco processo que vão contribuir para o aumento do “bom capitalismo” (continuando a usar a expressão de Bresser Pereira):

1. O aumento da competitividade global (poderia ser mais um aspecto positivo da globalização) está obrigando as empresas pertencentes ao grupo do “mau capitalismo” a melhorarem sua produtividade e qualidade e, para isto, precisarão valorizar mais o trabalho, as pessoas e o meio ambiente. Quem vive no meio empresarial e acompanha a evolução das organizações sabe que isto é uma realidade.

Existem muitos milhares de empresas de grande, médio e pequeno portes, inclusive no Brasil, que poderiam ser enquadradas no conceito acima de “bom capitalismo”

2. Há um movimento orientado e estimulado por algumas ONGs, que deverá repercutir com muita rapidez, que levará os consumidores a darem preferência, em suas compras, às empresas que cumprem leis, tratam bem seus empregados e respeitam o meio-ambiente.

Portanto, é possível melhorar o mundo com maior conscientização e melhor nível de politização das pessoas, e melhor espírito e ações de cidadania.

É neste ponto que precisamos evoluir. E isto será objeto dos próximos capítulos.

Reforçando a idéia de olhar para nosso umbigo:

O Brasil somente dará salto de progresso – e aí terá condições de promover muita inclusão social, gerar muitos empregos, eliminar a miséria e diminuir a pobreza – se acabar com suas infundáveis crises econômicas, corrupções em governos e impunidade. Para resolver esses problemas crônicos, existem três caminhos básicos e prioritários:

- a) Melhorar a qualidade da política, incluindo aí uma maior participação da sociedade, para proporcionar melhor condição de governabilidade aos poderes executivos. A sociedade precisa se envolver mais com a política, através de maior interesse pelo assunto e mais efetiva participação de cidadania. Sem pressão da sociedade, os políticos não melhorarão seu comportamento e sua atuação.
- b) Minimizar pontos fracos da nossa cultura, especialmente destes destacados no livro: diminuir a alienação política e o conformismo com maus governos, mau comportamento dos políticos, com impunidade; acabar com o negativismo exagerado e com a postura de gostar de criticar e ser contra governos; parar de transferir responsabilidades de problemas da sociedade para governos.
- c) Tomar consciência e adotar medidas concretas para que tenhamos governantes gerencialmente competentes.

Os três problemas básicos do país, relacionados com governo, são, é preciso insistir: político (governabilidade – ver capítulo 15), cultural (pontos fracos de comportamento da população e da sociedade) e gerencial (governos administrativamente despreparados).

Resolvemos isto nos critérios de escolha dos candidatos nas eleições, e através de pressão para que os eleitos façam boa escolha de seus ministros e secretários, tenham planos de objetivos e metas e busquem cumpri-los.

Politizemo-nos

"A consciência política é indispensável a quem vive na sociedade dos homens, e o brasileiro está muito atrasado nesta matéria."

Gilberto de Melo Kujawski

Pesquisa interativa promovida por um canal de televisão a cabo, no início de 2002, informa que 82% dos respondentes afirmaram serem os brasileiros politicamente alienados.

Politização é um daqueles temas que dão margens a desdobramentos e interpretações variados, podendo, num debate a respeito, caminhar para o que se costuma chamar de discussão do “sexo dos anjos”, ou seja, com pouca objetividade e que não chega a lugar nenhum.

Mas, se nos habituarmos a isto, podemos focar qualquer assunto de uma forma conveniente e prática. E é possível fazer isso mesmo em relação questões mais abstratas.

Para permitir o desenvolvimento do assunto, são apresentadas a seguir dois conceitos de politização, aplicados à sociedade e a indivíduos. Não se pretende que sejam completos ou perfeitos. Talvez suficientes para o propósito da matéria:

- 1) Aplicável à sociedade: *sociedade politizada será aquela em que a participação política é orientada e estimulada de forma abrangente e adequada, pelas organizações políticas, por algumas partes e tipos de mídia, nas escolas e em outras organizações civis. Será aquela em que a maioria das pessoas se interessa por ter bons governantes e acompanha a atuação dos mesmos; em que prevalecem valores e interesses coletivos sobre individuais; em que o senso e visão de cidadania sejam desenvolvidos, resultando em que a maioria dos cidadãos têm consciência de suas responsabilidades sociais e demonstrem isto na prática, nas eleições, nas contribuições como voluntários, na participação da solução de problemas em sua comunidade, na defesa do meio ambiente, na atuação exigente como consumidor, entre outras atuações.*

- 2) Aplicável a indivíduos: *pessoa politizada é aquela que demonstra interesse pela política; tem atuação consciente e responsável como cidadão; que se interessa e, se possível, participa da vida política de suas comunidades e associações; que desenvolve capacidade de compreender as várias vertentes que influenciam o meio politicamente; com capacidade de opinar com conhecimento e discernimento, e disposição para fazê-lo em situações apropriadas.*

Tendo estes conceitos como referência e observando o comportamento das lideranças políticas e sociais, assim como das pessoas em geral; observando o funcionamento de instituições e organizações que teriam o papel de orientar e educar para a consciência e participação política, **somos obrigados a concordar que temos muito a fazer para melhorar nossos padrões de politização.**

Conforme foi dito anteriormente, tem havido alguns avanços nesse sentido. Mas ainda insuficientes para despertar e movimentar o gigante adormecido de que falamos no primeiro capítulo.

Muitas coisas foram e serão ditas neste livro que demonstram o baixo nível de politização e a grande alienação política do povo brasileiro: desinteresse, omissão, conformismo, fugas no piadismo, etc. Melhor do que repeti-las, é dizer que há mais influências na sociedade, especialmente nos meios de comunicação, para reforçar a situação negativa, do que para minimizá-la.

É desagradável ter que dizer, às vezes repetir: a maioria dos programas de tv aberta, e os tipos de abordagem das mídias impressas tendem mais a estimular o desinteresse pela política e a reforçar em nós, de um lado o desinteresse e alienação política, de outro um estado de espírito de decepção, descrença e indignação passiva. É grande quantidade de emissoras de rádio que também contribuem para isto.

Há excesso de entretenimento e noticiários (principalmente nos horários nobres) e poucos programas que proporcionem debates e reflexões que estimulem nosso interesse e participação política.

Mas é agradável poder dizer algumas das maiores e melhores emissoras de rádio das grandes capitais, assim como tv's a cabo estão se voltando de forma crescente para assuntos políticos, sociais e econômicos; estão assumindo aos poucos o papel de estimular a cidadania.

Conseqüências de um baixo nível de politização na sociedade:

Precisamos ter em mente estas conseqüências de um baixo nível de politização da sociedade e das pessoas:

- Maior chances de termos congressos e governos incompetentes e corruptos.
- Instituições políticas e governamentais dominadas por aventureiros, oportunistas, grupos de interesse e corruptos.

- Maior frequência de crises políticas, econômicas e sociais, com prejuízos para a sociedade.
- Órgãos públicos continuando com baixa eficiência e mau atendimento.
- Demora na solução de problemas políticos, sociais e comunitários.
- Demorada evolução da cidadania e do Brasil como país civilizado.

Quem pode contribuir para a melhoria do nível de politização dos brasileiros?

Acreditando ser uma maneira objetiva e resumida de apresentar o assunto, seguem, de forma esquematizada, indicações de quais entidades têm maior responsabilidade de contribuir para melhorar para o nível de politização da sociedade e dos brasileiros, e quais estão fazendo isto mais ou menos:

<u>Instituição</u>	<u>Podem menos</u>	<u>Podem bastante</u>	<u>Podem muito</u>	<u>Têm feito pouco</u>	<u>Têm feito bastante</u>	<u>Têm feito muito</u>
Escolas		x		x		
As mídias (no conjunto)			x	x		
Assoc. profissionais			x		x	
Igrejas (católicas)	x				x	
Outras igrejas	x			x		
Empresas	x			x		
Família			x	x		
Associações de bairro			x		x	
Clubes		x		x		

Demonstrada a importância de desenvolvermos nosso nível de politização, como condição básica para outras evoluções e progressos que precisam acontecer no Brasil, esperemos que essas entidades que têm contribuído pouco para melhorar o padrão de politização da nossa sociedade, assumam esse papel o mais rapidamente possível. Há várias maneiras de fazer isto: promovendo eventos variados como palestras, fóruns de debate, seminários, dramatizações e outros, e estimulando participação das pessoas ou grupos em ONGs ou movimentos de cidadania.

Veremos, nos dois próximos capítulos, o que significa e por que as pessoas não devem ser desinteressadas e alienadas politicamente.

Homem, um animal político

*"Ninguém deve pensar que não exerce
influência alguma"*

Henry George

*"Cidadania significa fazer diferença na sua
comunidade, na sua sociedade, no seu país"*

Peter Drucker

Desinteressar-nos pela política é o pior que podemos fazer. Deixamos as instituições públicas nas mãos de oportunistas, aproveitadores e corruptos.

E nos abdicamos de exercer nossas responsabilidades e papéis sociais, para o que temos vocação. E obrigação. Precisamos nos conscientizar disto.

Para muita gente, Política é uma atividade própria dos políticos profissionais ou *oficiais*, pessoas ligadas a partidos e/ou que exercem funções de representação do povo ou da sociedade nas instituições governamentais.

Para essa muita gente, os cidadãos comuns têm pouco a ver com Política. Sua única obrigação é votar em pessoas que irão exercer as funções políticas oficiais, e depois esperar que os problemas do país e da sociedade sejam resolvidos.

Existe, em boa parte da população, um certo preconceito (fruto de desinformação) sobre participação política, como se fosse coisa de militante ativista, pessoas que atuam em partidos ou movimentos políticos para promoverem passeatas de protestos e de reivindicação, de luta por alguma causa. Do tipo daquelas pessoas que participam de ações do MST, de passeatas estudantis, de organização de greves e eventos semelhantes.

Urge desenvolver a idéia de que participação política é uma função normal de todos os cidadãos. Que existem diversas formas de participação política e com outros objetivos que não sejam só de reivindicação e protesto.

Vejamos alguns exemplos diferentes e importantes de participação política:

- Participação de uma associação de bairro com objetivos de zelar pela limpeza das ruas, plantação e manutenção de árvores, segurança dos moradores, qualidade do ensino das escolas públicas, etc.
- Participação de ONGs, fundações ou outras entidades voltadas para campanhas educativas, para defesa do meio ambiente, para promover eventos culturais e recreativos destinados a tirar crianças da rua, para ajudar a prevenir ou resolver problemas comunitários, etc.
- Organização/participação de associações comunitárias voltadas para promover atividades artísticas, culturais, educativas e orientativas, como um centro social e político de bairro. Esses centros poderiam ser utilizados para muitas finalidades: congregar pessoas da comunidade, promoção de cursos, palestras e debates de interesse geral; local de encontro com políticos. A seguir, três de muitas finalidades orientativas e apoio que poderiam ter:
 - *orientar pessoas na utilização da Lei de Defesa do Consumidor, para fazerem compras sem se deixarem explorar, para indicar locais mais baratos de compras.*
 - *cadastrar recursos de serviços existentes no bairro (eletricistas, marceneiros, encanadores, professores avulsos, cabelereiros e manicures, e outros.), facilitando a vida das pessoas na comunidade, cuidando da padronização de preços, do controle da qualidade desses serviços.*
 - *orientar as pessoas para votarem criteriosamente, a manter relacionamentos com políticos, acompanhar suas atuações, solicitar-lhes informações sobre questões políticas, fazer pressões para dar andamento a assuntos de interesse da coletividade.*

A responsabilidade dos cidadãos não é só a de votar nos políticos, seus representantes no governo, mas também de acompanharem a atuação deles, manterem contato e interagirem-se com eles, individualmente ou através de associações profissionais ou de bairros.

Políticos não cumprem bem a função de cuidar dos interesses da população, produzem pouco, envolvem-se com corrupção, entre outras situações indesejáveis, em grande parte por nossa negligência, desinteresse, conformismo.

Essa situação precisa mudar e só a cidadania pode promover isto.

Um pouquinho de teoria sobre política:

A palavra Política vem do grego *Polis*, que significa cidade. Lembremo-nos de que o nome de muitas cidades termina em *polis* como Florianópolis, Teresópolis, Fernandópolis. Política significa, na origem, regras e maneiras de viver numa cidade organizada. Político podia ser tanto quem administrava as cidades, como quem seguia

as condutas de convivência nelas. Já se disse que o homem é um **animal político**, porque a vida em sociedade exige que ele seja político, em maior ou menor grau. A simples necessidade de conviver com outras pessoas (relacionamentos, associações, trocas) obriga o homem a ser político, no sentido mais amplo da palavra.

A história do mundo e das nações nos mostra que:

- quanto mais voltamos no passado, mais o povo teve menos possibilidades de atuar como “animal político”, ou melhor, de exercer papéis e responsabilidades políticas na sociedade, em virtude de regimes tiranos e autoritários que predominaram no passado, e a quem não interessa essa atuação do povo;
- só com a evolução da democracia no mundo tem aumentado as oportunidades e o estímulo ao povo para atuar politicamente. Democracia é a única forma de governo que permite isto. Mas a democracia ainda está em formação, ou ainda não chegou na maior parte do mundo. Felizmente está bastante evoluída no Brasil;
- em países ainda pouco desenvolvidos cultural e politicamente, mesmo com democracia, como é o caso do Brasil, o povo ainda é pouco estimulado a participar da política, a praticar a cidadania que cobra, que resolve e que muda, razão pela qual políticos aproveitadores, corruptos e desinteressados pelos problemas da sociedade conseguem manter-se nos partidos e nos governos.

O conceito de Política não mudou na essência, desde as sociedades mais antigas. Apenas evoluiu, ampliou seu significado, porque as sociedades (cidades, estados, nações) cresceram e ficou mais complexa a convivência nelas e entre elas, bem como ficou mais complexo administrá-las. Por isso, diz-se que política é, ao mesmo tempo, uma **arte** e uma **ciência**.

Uma **arte**, porque muitas vezes são requeridas muitas habilidades para se exercer funções ou papéis políticos. Atribui-se a Bismarck, famoso estadista alemão do século XIX, esta frase célebre: “política é a arte do possível”, querendo mostrar que quem exerce a política sempre terá dificuldade de fazer o melhor em virtude de conflitos de interesses, conflitos de idéias, resistências às mudanças, falta de recursos para resolver problemas, etc.

Política é uma **ciência**, porque a sua crescente complexidade exigiu que fossem desenvolvidas diversas teorias científicas para explicar as organizações e os comportamentos políticos, e metodologias específicas para colocá-la em prática.

Podemos, portanto, distinguir dois tipos de atuação política:

1 – aquela exercida por pessoas que se dedicam inteiramente a atividades de criar e manter organizações políticas e a atividades de governar cidades, estados e países. São os políticos profissionais ou *oficiais*.

2 – aquela exercida pelas pessoas comuns nas atividades da vida, nas organizações sociais em que se cuida de assuntos de interesse de uma classe profissional

(associações profissionais, sindicatos), de um grupo de pessoas que vivem em conjunto (condomínio, por exemplo), que participam de uma comunidade de bairro, da administração de um clube social, de uma associação estudantil, etc.

Como diz o jurista Dalmo de Abreu Dallari, “Política é a conjugação das ações de indivíduos e grupos humanos, dirigindo-as a um fim comum.”

Pessoas que vivem em sociedade atuam politicamente, de alguma forma, mesmo que não tenham consciência disso. Quanto mais atuações tiverem em favor da ordem e do bem de sua comunidade, da sociedade em que vivem, mais estarão exercendo sua **cidadania**, o que significa estarem atuando politicamente. Exercer cidadania é, numa forma mais simples, praticar política.

Novo ângulo do conceito de Cidadania:

Assim como a palavra política está relacionada com *polis* – cidade – a palavra cidadania também está. Os dicionários definem cidadania mais ou menos como “a condição de uma pessoa que, como membro de uma cidade ou de um estado (nação), possui direitos e deveres de participação na Política.” Ou seja, direitos e deveres de contribuir para a boa convivência, para a ordem e para o desenvolvimento da sociedade em que vive.

Cidadania é, pois, o exercício das responsabilidades de cidadão. Isto mostra claramente que a prática da cidadania é uma forma natural de atuação política.

Permita o leitor que apresente novamente a definição de cidadania de Peter Drucker, apresentada, no início, como inspiradora deste livro: “como termo político, cidadania significa *compromisso ativo*. Significa *responsabilidade*. Significa *fazer diferença* na sua comunidade, na sua sociedade, no seu país. Cidadania significa a disposição para viver, e não morrer, por seu país.”

O leitor está vendo como tenho insistido nesta importante idéia de, através da cidadania, podermos fazer diferenças em nossa sociedade.

Funções da Política oficial e dos governos:

Existem organizações políticas oficiais (as institucionais) para administrar e resolver os problemas das sociedades. As questões de que a Política e os políticos cuidam (administram), através dos órgãos e instituições de governo, são fundamentalmente as seguintes:

- Da própria organização política do país, dos estados e dos municípios.
- Da administração, em âmbito maior, das questões sociais de interesse da coletividade (segurança, saúde, educação, trabalho, transporte, etc.).
- Das questões econômicas e financeiras. Da obtenção das receitas e do controle das despesas do dinheiro público.

- Do comportamento das pessoas na sociedade, em função de leis e normas estabelecidas para isto.
- Dos recursos de infra-estruturas necessários ao funcionamento das cidades, das indústrias, do comércio, das organizações em geral: energia elétrica, água, esgotos, estradas, ferrovias, aeroportos, estações, portos, etc.
- Dos recursos naturais: florestas, parques, rios, mares, animais.
- Da defesa da soberania dos municípios, estados e do país.

Mas, apesar de ser responsabilidade dos órgãos de governo cuidar destas coisas, oficialmente, eles não podem tudo. A população e a sociedade têm também sua parte de responsabilidade (não só pagando impostos) sobre a obtenção e manutenção das instalações e serviços destinados a atender às suas necessidades e a proporcionar-lhes bem estar.

O que significa país civilizado:

Países civilizados são aqueles em que as pessoas comuns participam mais da organização e do bem estar das comunidades ou das sociedade em que vivem. Em outras palavras, são aqueles em que as pessoas participam mais efetivamente da política em favor de uma melhor condição de vida e do progresso de sua sociedade.

Pelo contrário, são menos civilizadas, e com maior quantidade de problemas, as sociedades em que as pessoas se omitem politicamente, isto é, não se interessam em participar e contribuir para o aperfeiçoamento das organizações e comportamentos dessas sociedades e para o bem comum de quem nelas vive. E que também não se interessam em acompanhar a atuação dos políticos profissionais.

Nos países mais civilizados as pessoas se envolvem e se dedicam, como parte natural de sua função social, ao tratamento do lixo, à economia de água e energia, à limpeza das ruas, à defesa do meio ambiente (árvores, jardins, lagos, animais, etc.), colaboram mais com a ordem do trânsito, com a segurança pública, e com outras questões de interesse da sociedade.

Enfim, quem faz um povo ficar mais civilizado é ele próprio, através de maior participação política, de maior sentido de cidadania e responsabilidade social.

Em outro capítulo, à frente, vai se demonstrar que, além de ser um dever de cidadão, a participação política pode ser muito gratificante, pode ser uma forma a mais de realização pessoal e de motivação para viver.

Questão séria demais

*"Não basta lamentar nossa vida política.
Tenhamos cuidado em não transformar
políticos em bodes expiatórios muito
convenientemente para um drama coletivo
que envolve uma responsabilidade coletiva."*

Jacques G  n  reux

*"Política   uma coisa séria demais para ser
deixada nas mãos dos políticos"*

Charles de Gaulle

A política com "p" predomina em virtude de nossa omissão e aliena  o. Vamos, pois, mudá-la para poder dizer que   com "P".

Teoricamente os políticos existem para representar o interesse da popula  o nas institui  es de governo. Na verdade, isto nem sempre acontece. Costumam até prejudicar o interesse da popula  o maior, votando leis inadequadas, deixando de votar leis necessárias, influenciando no desvio de verbas que seriam de interesse da popula  o para beneficiar grupos menores que representam ou que lhes garantam os votos.

E, nessas opera  es, costumam obter ganhos para si, para suas família, amigos ou sócios.   aqui que acontecem as corrup  es. Muitos desses desvios de verbas públicas, que são enormes, consiste em tirar dinheiro destinados   saúde, educa  o, moradia, constru  o de a  des, estradas, etc. para favorecer obras de interesses particulares, para favorecer negocia  as.

Estudo de um professor da FGV, de cujo nome não me recordo, mostra que a quantidade de dinheiro desviada por corrup  o aumentaria significativamente a distribui  o de renda dos brasileiros.

  famoso o caso da chamada " nd  stria da seca". Durante muitos anos políticos do nordeste do Brasil desviaram dinheiro destinados a resolver problemas da seca nessa região do país, em favor de negócios próprios, de parentes e amigos. Dinheiro que seria

para construir açudes, para irrigar terras ou para outras soluções. O problema nunca foi devidamente resolvido.

É o caso também da situação de inúmeras cidades em que se gasta quase todo dinheiro arrecadado com salário de vereadores e funcionários, não sobrando nada para fazer obras de melhoria para a cidade, ou deixando de melhorar a assistência à saúde e a qualidade das escolas, por exemplo.

A vida política oferece muitas oportunidades de desvios da normalidade, do correto, do ético. Essa possibilidade existe em todas as partes da vida social. A diferença é que os políticos têm maiores poderes e mais recursos públicos em suas mãos. E têm mais imunidade contra punições. Enquanto que os desvios e mau comportamento de um empresário, por exemplo, pode prejudicar uma parcela menor de pessoas, os dos políticos prejudicam toda uma população, de uma cidade, de um estado ou de todo o país.

Existem políticos éticos e que procuram cumprir suas funções corretamente, procurando atuar em favor de questões de interesse da população, de suas regiões ou do país, nas câmaras de vereadores, nas assembleias legislativas e no Congresso. Mas, infelizmente, constituem a minoria.

E somos nós, eleitores e cidadãos, os responsáveis por essa situação. Somos nós, porque temos participado pouco da política, não temos tido o cuidado de votar bem e não nos preocupamos em acompanhar a atuação dos políticos durante os seus mandatos.

Quanto mais ausentes ou alienados ficamos da vida política (ou seja, quanto menos exercemos a cidadania), mais os políticos menos éticos, mais corruptos, se sentem mais encorajados e confortáveis para, isoladamente ou em conjunto, praticar atos pouco éticos, para atuar em favor de interesses escusos e contrariamente aos interesses da população, de suas regiões e do país.

OS POLÍTICOS EXISTEM PARA CUIDAR DAS COISAS DE INTERESSE DO POVO, DAS COMUNIDADES, DA SOCIEDADE. **QUE OS SUSTENTAM ATRAVÉS DOS DIVERSOS TIPOS DE IMPOSTOS, QUE PAGAM OS SEUS SALÁRIOS E AS VERBAS QUE UTILIZAM.**

TEMOS O DIREITO DE DIZER QUE OS VEREADORES, DEPUTADOS E SENADORES SÃO FUNCIONÁRIOS DA POPULAÇÃO.

POR ISTO, É PRECISO INSISTIR: PRECISAMOS NOS INTERESSAR PELA POLÍTICA, PARTICIPAR MAIS DELA, ESCOLHER COM RESPONSABILIDADE AS PESSOAS EM QUEM VAMOS VOTAR, ACOMPANHAR A ATUAÇÃO DELAS.

Mas o brasileiro não deve ter sua auto-estima rebaixada por isto. Não só no Brasil existem maus políticos. Em todos os países há queixas contra eles. A diferença está em que nos países onde a população se interessa menos e participa menos da política, os políticos de menos princípios abusam do seu comportamento pouco ético, exageram nos desvios e na corrupção. Cabe-nos, pois, minimizar essa prática indesejável e maléfica no nosso país.

Política com “P” e com “p”:

Constitui expressão popular muito comum diferenciar bom e mau comportamento político com “P” e “p” (p maiúsculo e p minúsculo). Em outras palavras, que os comportamentos políticos *sérios, dedicados, responsáveis, éticos e patrióticos* e sua atuação voltada para cuidar dos interesses das comunidades que representam, do interesse da coletividade, dos municípios, estados e nação, seria a Política com “P” e, ao contrário, os comportamentos políticos caracterizados por *mentiras, irresponsabilidade, pouca dedicação* ao cumprimento das funções, *envolvimento com corrupção, práticas de nepotismo e fisiologismo*, e outros, seria política com “p”.

Quando se faz essa comparação, na boca do povo é, quase sempre, para dizer que predomina em nossa sociedade a política com “p”. E o que se esperaria deles, pela delegação que recebem nossa, e pelo que são (bem) pagos, é que praticassem uma Política com “P”.

Não estaria na hora, leitor, de promovermos uma revolução pelo voto e com cidadania para fazermos predominar a política com “P” ?

Para acabarmos com aqueles tristes “ismos”: empreguismo, protecionismo, nepotismo (empregar parentes), fisiologismo (o nefasto toma lá dá cá).

Questão por demais séria:

Nós sabemos de tudo isto, que nos aborrece muito, nos deixa descrentes com a classe política. Mas queixar, lamentar e desinteressar-se pelo assunto não é o melhor que temos a fazer. Estou insistindo neste livro que só nós, com a consciência de cidadania, com melhor nível de politização, como a sociedade organizada, podemos mudar essa situação, melhorar o comportamento político, fazer predominar a Política com “P”

Conforme tem sido demonstrado neste livro, também com certa insistência, a causa primeira dos grandes problemas que afligem nossa vida, e das dificuldades que estão impedindo o progresso do nosso país, que vai gerar emprego, acabar com a pobreza e melhorar nossa qualidade de vida – é **política**, e não econômica, como muitos fazem pensar.

A grande maioria da população não tem idéia do quanto lhe cabe de responsabilidade e do quanto é possível mudar essa situação, para melhorar a qualidade de vida em nosso país.

Devemos acreditar que podemos melhorar a política através de melhor nível de politização, de maior participação e mais efetiva cidadania. E transformar esta crença em ações práticas.

É preciso que as pessoas e lideranças de visão assumam o papel de conscientizar e mobilizar a população e a sociedade para melhorarmos e aumentarmos, de forma democrática, civilizada e organizada, nossa participação política. É preciso que essas pessoas tenham uma presença mais intensa e mais forte nas mídias, tirando espaços

dos demagogos, dos mentirosos, dos oportunistas e daqueles que só cuidam dos interesses de partidos e de classes.

Desinteressar- por política é um grande erro, e um mal que a sociedade faz a si própria. Ao invés de continuarmos nos aborrecendo com a má política, fazemos melhor transformá-la em boa política, política com “P”, de política de povo inteligente e civilizado.

Para ajudar a mudar nossa cabeça e nossas atitudes sobre política, seguem sugestões para adotarmos ou abandonarmos frases populares sobre políticas e políticos:

Pensamentos e idéias que devemos desprezar:

O brasileiro tem o governo que merece.

Rouba mas faz.

Não acredito em nenhum político.

No Brasil a esperança é a primeira que morre.

Política é a arte de governar com o máximo de promessas e o mínimo de realizações.

Ninguém pode entrar na política e continuar sendo honrado.

Pensamentos e idéias que devemos valorizar:

O melhor governo é aquele que nos ensina a governar a nós mesmos.

Povo inteligente e interessado elege o governo que merece.

Nenhuma nação evolui se seu povo não se sentir co-responsável por ela.

A pior democracia é melhor do que a melhor ditadura.

Povo livre e feliz não se revolta.

Condições de Governabilidade e o efeito de causação circular

*"Cada um se defende como pode. Cachorro morde.
Boi chifra. Deputado vota contra."*

Paulo Heslander

*"Noventa por cento dos políticos dão aos restantes
dez por cento uma péssima reputação"*

Henry Kissinger

Este é, talvez, o mais sério de todos os problemas políticos no Brasil.

E, todavia, há ainda pouca consciência a respeito de sua gravidade.

É importante tê-lo em mente para escolher nossos candidatos a presidente da república e governador de estado.

Pela ênfase que se dá às questões econômicas – porque afetam mais diretamente as nossas vidas – pode parecer que reside nelas a **causa primeira** de todos os nossos problemas. O fator econômico é fundamental para a solução de muitos problemas e para desenvolvimentos em todos os setores e atividades da sociedade. Mas como ordem, numa sucessão de causas e efeitos dos problemas do país, a **condição de governabilidade** vem primeiro, é **causa primeira**, e os problemas econômicos são **efeitos** dela e se transformam em causas de outros problemas.

Para quem gosta de expressões diferentes ou sofisticadas, lembro-me de ter ouvido alguém chamar a sequência de causas e efeitos de problemas afins e que se retroalimentam, de "efeito de causação circular". Exemplificando: problemas políticos causam problemas econômicos, que causam problemas para as empresas, que geram desemprego, que faz diminuir o consumo, que prejudica a arrecadação de impostos pelos governos, etc. Quanto mais se agravam as causas primeiras, mais se agravam as conseqüências.

Outros chamam só a parte econômica deste fenômeno de desdobramento de causas e efeitos de círculo negativo da economia. E de círculo virtuoso, o efeito contrário: o

aquecimento da economia gera emprego, que faz aumentar o consumo, que estimula investimentos, que faz gerar mais empregos, que diminui problemas sociais, etc, etc.

Ficou claro, para quem leu as explicações dos melhores e mais isentos analistas, que crise de governabilidade foi a causa principal da crise política, econômica e social da Argentina, que culminou com a troca de vários presidentes em duas semanas, na passagem de 2001 para 2002. Provavelmente foi a causa primeira também das crises econômicas do México e da Rússia, na década de 90, que tanto nos afetaram.

O presidente Fernando Henrique Cardoso, conhecedor profundo do ambiente político nos partidos e no Congresso, fez, visivelmente, todo o esforço possível para obter as melhores condições possíveis de governabilidade, através de coligações e entendimentos mesmo com partidos e políticos de comportamentos, princípios e ideologias que não combinavam com os seus. E foi muito criticado por isto. Eu mesmo fiz parte dos críticos, no início.

Compreendendo, depois, o significado da condição de governabilidade, percebi que qualquer governante que pretenda realizar alguma coisa não pode deixar de fazer coligações desejáveis e, não havendo outro jeito, até indesejáveis.

Para obter condições de governabilidade, FHC optou por elogiar os políticos, ao invés de acusá-los ou enfrentá-los. E mais, teve que fazer concessões, “engolir sapos” e conviver com realidades políticas que, com certeza, lhe causaram muitos incômodos, desconfortos, constrangimentos e tristezas.

É provável que nenhum dos melhores governantes de todos os países e em todos os tempos, em regimes democráticos, tenham escapado dessa situação.

Veja o leitor o empenho do PT para fazer coligações, pela primeira vez, com partidos que não são de sua linha ideológica, para as eleições de 2002. Parece ter descoberto a dificuldade de se eleger e, depois, de governar sem fazer coligações.

O que significa ter condições de governabilidade ?

E por que ela é causa de menores ou maiores problemas econômicos, sociais e culturais de um país ?

O Poder Executivo - ou a equipe da presidência da república, dos governadores e dos prefeitos - é quem operacionaliza as medidas de administração das coisas públicas. Em outras palavras, é quem governa, na prática, o país, os estados e prefeituras. Os outros dois poderes existem, um (Legislativo) para legislar e, outro (Judiciário), para zelar pela aplicação das leis e resolver conflitos relativo a direitos.

Mas os executivos (presidente, governadores e prefeitos) têm relativamente pouco poder de agir independentemente. Para a maioria das decisões destinadas a resolver as questões mais importantes destinadas a satisfazer interesses e necessidades da população, da sociedade e do país, eles dependem do Poder Legislativo (Congresso,

Assembléias Legislativas e Câmara de Vereadores). E dependem também, e muitas vezes, do “juízo” do Poder Judiciário.

Quem acompanha os acontecimentos na vida política sabe que depender desses outros poderes torna as coisas muito difíceis para os executivos, mesmo quando bem intencionados e com bons programas. Os congressistas, deputados estaduais e vereadores usam de todos os expedientes e artimanhas possíveis para dificultar as coisas para os governantes, quando seus interesses e dos seus partidos são contrariados, ou quando não podem tirar algum proveito da situação. O Judiciário também apronta das suas.

Ilustrações dessa realidade:

- Do neto de Jânio Quadros, ex-presidente da república que renunciou ao cargo, dizendo, em entrevista, uma confidência que lhe fez seu avô: **“Estava impossível governar com a Câmara e o Senado sempre na oposição ... Meu desejo era dobrá-los e construir um novo Brasil.”**
- Em matéria publicada em O Estado de São Paulo, edição de 14/8/93, pode-se ver a afirmação de Ciro Gomes, então governador do Ceará, de que Paulo Maluf, Lula, Orestes Quêrcia e José Sarney **tentaram sabotar o programa de estabilização econômica do então Ministro da Fazenda** – Fernando Henrique Cardoso.

Lembremo-nos de que, mesmo não estando no Congresso, estes políticos têm grande poder de influenciar deputados e senadores de seus partidos, e de influenciar na votação de leis.

- Da analista de política do jornal O Globo, que acompanha as coisas em Brasília: **“Aberta a fase de composição de alianças para a sucessão, fica mais uma vez claro que, salvo uma e outra exceção, nossos partidos políticos não passam de ajuntamentos de interesses... Passada a eleição fica tudo por isso mesmo, restando ao eleito apelar para o fisiologismo em busca de maioria e governabilidade (o grifo é do autor).”**
- Trechos de capítulo do livro *A Invasão das Salsichas Gigantes*, de Arnaldo Jabor, cujo título é “Conversa em Off com o ‘Mr. M’ do Congresso”, referindo-se a um real ou imaginário diálogo com um congressista, o qual, encorajado por várias doses de uísque, disse:

“Você acha que o Congresso deveria ser a casa do interesse público? Ninguém sabe o que é isso lá dentro! Vou abrir a minha alma!...mas tudo em off , hein! ...Todos ficam esculhambando o FH, mas ele é um brinquedo em nossas mãos ... ninguém critica mais o Congresso. Sabe por quê? Porque nós não temos rosto. É muito melhor pôr a culpa no Malan ... O FH tenta um gás novo para governar, mas nós vamos sentar em cima de tudo! Não vai passar nada pelo Congresso! ... Dane-se que a Previdência nos leve à bancarrota com 40 bilhões de furo, não interessa que metade da arrecadação seja para pagar

marajás, o importante é sabotar o ´neoliberal canalha agente do FMI` ... A reforma administrativa andou para trás ... e a reforma política? Pizza ... E o PPA, o tal ´Avança Brasil`? Vai ficar parado enquanto os oportunistas disputam a relatoria. É a vaidade, o interesse partidário!!! ... Ficam os babacas jornalistas falando em FMI, em proteção contra o ´Consenso de Washington` e mal sabem que estão combatendo o inimigo errado. Que FMI, um cazzo! ... o inimigo somos nós, os agentes da paralisia eterna do país, os defensores dos eternos privilégios...O Congresso são os grupos de interesse, diz o vulgo. Somos mesmo! Desde os evangélicos, os ruralistas, a turma dos hospitais, a turma dos funcionários públicos, a turma da Albânia, a turma dos banqueiros ... A imprensa que arrasa o FH nos tolera com carinho por nossos sórdidos espasmos que chamam de ´política`.”

Se a conversa acima foi imaginada, ela reflete uma realidade de que ninguém duvida.

- Comentários da educadora e escritora (ex-deputada federal), Sandra Cavalcanti, a respeito desse problema, em artigo publicado n´O Estado de São paulo: **“Neste nosso presidencialismo frágil, sujeito a chuvas e trovoadas, só uma boa aliança garante a governabilidade. Organizá-la exige imensos conhecimentos da alma humana, grandes doses de prudência e enraizado sentimento de legalidade. É preciso coordenar ambições, conter arrogâncias e amenizar exigências para se chegar àquilo a que damos o nome de governabilidade...A governabilidade tornou-se o ponto central de todas as discussões. A pessoa do governante vale muito, é claro. Mas, se ele não tiver condições de estruturar bem o seu governo, sua excelente pessoa vai pesar pouco...”**
- Extraído de entrevista dada a jornal pelo economista e filósofo Eduardo Giannetti: **“Os três poderes no Brasil estão vivendo na base da exceção: o Executivo só governa com medida provisória; o Congresso só faz CPI; o Judiciário só concede liminar. Estamos em crise institucional.”**

Escrevi em meu livro *Chega de Ser o “País do Futuro”*, na capítulo que trata de **governabilidade**:

“A outra situação que leva os governantes a terem maus desempenhos tem a ver com as barganhas políticas feitas para obter-se apoios eleitorais e, depois de eleitos, para terem um mínimo de governabilidade. Os resultados dos planos dos governos ficam sempre aquém do prometido e esperado por consequência dessas barganhas: ministérios e instituições importantes são entregues aos partidos políticos que preenchem esses cargos quase sempre **sem critérios de competência e de ética**.

É lamentável não termos ainda evoluído a ponto de considerar um absurdo que presidentes e governadores simplesmente entreguem os cargos mais importantes do país aos partidos políticos, sem estabelecer fortes compromissos com planos de governo e sem cobrar resultados. Os governantes só intervêm quando surgem problemas mais sérios. Raramente se tem notícia de que ministros tiveram bons desempenhos em suas funções.”

Precisamos, pois, estar atentos ao fato de que, ao elegermos presidentes, governadores e prefeitos, é necessário identificar dentre os requisitos dos candidatos também sua capacidade e possibilidade de obter condições de governabilidade. E capacidade de fazer alianças fortes e que resolvem.

Relativamente a esta questão, duas evoluções precisam acontecer, de parte dos executivos:

- i) aprenderem a obter mais apoio da sociedade organizada e da cidadania, sem entrar em choque com o Legislativo;

E cabe à sociedade organizada proporcionar apoio aos governantes para eles se sentirem mais fortes e, também, pressionar os poderes Legislativo e Judiciário para favorecerem a governabilidade.

- ii) desenvolverem sua competência de gerenciar, para enquadrarem os ministros e secretários dos partidos coligados no seu estilo de governar, e para fazê-los comprometer com os resultados de seus planos e programas de governo.

Outras questões importantes

*"Nem todos os que vêem abrem os olhos,
nem todos os que abrem os olhos vêem."*

Baltasar Gracián

Existem outras questões importantes para o desenvolvimento do país e da sociedade que os analistas de situação e a população às vezes não percebem ou em relação às quais fazem vista grossa.

Ou em relação às quais precisamos acabar com o conformismo do tipo "deixa prá lá", "Não tem jeito mesmo", "tudo bem".

São questões de grande peso no conjunto dos itens que precisam ser encarados pela sociedade, se quisermos realmente ver os grandes problemas do país serem resolvidos e a qualidade da nossa vida melhorada.

Competência de gestão, ou de gerenciamento:

A maioria dos críticos da área política demonstra certa miopia em relação à importância do fator **gerenciamento** na governança ou na administração das organizações públicas e privadas. Em linguagem mais técnica, o que se chamava até há pouco de gerenciamento eficaz – aquele que obtém melhores resultados – é chamado agora de **competência de gestão**, uma das competências mais valorizadas na era da competitividade em que, para sobreviverem (empresas e/ou executivos), precisam desenvolver esta competência. E a expressão **competência** substitui **eficácia** porque apresenta uma conotação mais forte de resultado e sucesso.

Após o advento da era da competitividade, muitas organizações tradicionais, famosas e de exitosas no passado, estão desaparecendo porque não souberam se adaptar à evolução do mundo e não souberam ser competentes, ou seja, não souberam obter resultados no novo ambiente de negócios.

E que não se culpe a globalização. Mesmo antes de se falar tanto em globalização, isso já acontecia. E, em tempos mais recentes, vemos empresas multinacionais em dificuldades e empresas nacionais obtendo grande sucesso, por força da competência. Como são os casos das empresas Embraer, Grupo Gerdau, TAM, Grupo Pão de Açúcar, Grupo Votorantim, CSN, Usiminas, Marcopolo, Grupo WEG, Vale do Rio Doce, Bradesco, Itaú, Petrobrás, Correios, Infraero, Armazém Martins, Coteminas, Ambev, Magazine Luiza, Natura e muitas outras.

Depois de insuficientes condições de governabilidade, a causa maior do insucesso dos governos é o despreparo gerencial. Que poderíamos chamar também de falta de **condições de gerenciamento** – o equivalente a falta de condições de governabilidade dos Poderes Executivos – aos dirigentes das instituições com vontade de fazer boa gestão.

Nas organizações públicas o problema é maior porque não correm risco de sobrevivência e porque está menos desenvolvida nelas a cultura de **gerenciamento voltado para resultados**. Porque possuem baixo comprometimento com resultados. Este é um problema muito antigo e que dificilmente algum governo irá resolver sem ajuda ou pressão da sociedade.

É o despreparo ou pouco empenho gerencial que explica por que planos e programas de governo fracassam ou são só parcialmente cumpridos, por que ocorrem muitos erros e desperdícios, e poderia até mesmo explicar alguns tipos de corrupção. Através de jornais, vimos exemplo disto no próprio governo de FHC: o programa Avança Brasil deixou de atingir determinados objetivos, verbas orçadas em favor de programas sociais não foram aplicadas, erros na condução do programa de atendimento das demandas de energia elétrica, etc. Isto acontece nem sempre por falta de interesse ou negligência do presidente, e sim por pouca ineficiência e mau gerenciamento nos níveis inferiores.

Ficou claro, nas análises das causas das dificuldades de alguns governos, como o de São Paulo, de lidar com a crescente violência, é o despreparo e incapacidade dos dirigentes de conseguir entrosamento e maior eficiência conjunta das polícias civil e militar – o que é uma questão de competência gerencial.

Digo isto com conhecimento de causa, porque conduzi um seminário gerencial para desenvolver o espírito de equipe e entrosamento entre as unidades (polícia civil, militar, corpo de bombeiros, e grupo de estudos e planejamento) da Secretaria de Segurança Pública do Governo de Brasília, no ano de 2000.

O Secretário de Segurança Pública de São Paulo, que assumiu o cargo após as crises resultantes do aumento de seqüestros e assassinato do prefeito de Santo André, reverteu, em pouco tempo, a situação – de negativa para êxitos continuados – porque mostrou competência de gestão. Em entrevista dada por ele no programa Roda Viva da TV Cultura, usou várias vezes conceitos de gestão e gerenciamento para explicar seu sucesso.

Importante destacar: toda a população e toda a sociedade ganham com o desenvolvimento da cultura e da prática da competência gerencial, porque todas as

organizações, pequenas médias e grandes, de qualquer setor de atividade, terão melhor desempenho e mostrarão melhores resultados.

Todas as organizações precisam de competência gerencial e todo e qualquer tipo de liderança também.

Vista grossa:

Ainda relativo a questão da governabilidade, outros pontos que dificultam a atuação de governos e a respeito dos quais os críticos costumam fazer vista grossa:

- O primeiro diz respeito às fortes barreiras à governabilidade impostas pela burocracia instalada nos órgãos públicos ou estatais. Isto é um dado de realidade que não pode ser desprezado e é muito mais sério e grave do que costumamos considerar. A máquina estatal tem mais poder de emperrar ou boicotar planos e projetos do que conseguimos imaginar. Além do fato de que a máquina estatal custa muito caro para a sociedade, é grande desperdiçadora de recursos e apresenta muito baixa produtividade.

E muitas vezes, por desconhecimento de causa, tentamos responsabilizar os governantes por não conseguirem resolver problemas dificultados pela ineficiência da máquina estatal, iniciada nos tempos das capitânias hereditárias.

- Um segundo fator dificultador de qualquer governo e do progresso do Brasil é o excesso de corporativismo. O corporativismo virou uma praga no nosso país. Nas duas últimas décadas e em consequência das continuadas crises econômicas, com inflação alta, instabilidades econômicas e de negócios, aumento de desemprego, impunidade, etc., os costumes se deterioraram, foi criado um ambiente do “salve-se quem puder”, e o corporativismo se alastrou no país como uma epidemia, e a conduta de esperteza foi adotada até pelas organizações mais sérias.

Todos os tipos de profissionais e organizações, inclusive as informais e clandestinas, desde engraxates e “flanelinhas” até grupo de congressistas se tornaram corporativistas, criando suas associações para defender seus interesses. Predomina no país o “espírito de corpo” e não o “espírito público”, os interesses particulares e não os interesses da comunidade, do Estado ou da nação. Ainda poucos grupos ou instituições têm feito algo para mudar essa situação lamentável, que prejudica até governos sérios e com bons programas.

Não podemos continuar tratando dessas situações com os conformados “O que fazer ?” ou “deixa prá lá”. É preciso encarar a solução desses problemas como um desafio de toda a sociedade. De forma objetiva, inteligente, estratégica, não preconceituosa. Com muito apoio da sociedade, é preciso envolver corretamente o funcionalismo público sério e de carreira, mostrando-lhe os benefícios para o país e para si próprio da modernização e do aumento da eficiência e eficácia das organizações estatais.

É preciso que a cidadania iniba os abusos das corporações, e que estas percebam que precisam defender seus interesses até onde não prejudiquem os interesses da coletividade.

Reiventando a política

(Novos partidos e novas ideologias)

***"Estamos ainda demasiados embebidos nos
ódios e divisões do passado"***

Fernando Pedreira

***"Desde as origens, os termos designativos
das correntes e tendências políticas pecam
pela imprecisão ..."***

Paulo Martinez

***"Os partidos políticos estão mortos. Será
que seus líderes ainda não perceberam?"***

John Naisbit

Chegamos numa situação tal de decadência política, que não há outra saída senão reinventá-la.

A sociedade civil organizada e a cidadania não podem deixar de participar disso.

Talvez esteja na hora de começarmos a “reinventar” a política. De mudá-la nos aspectos organizacionais e ideológicos. A evolução do mundo sugere isto. Se repararmos bem, os partidos políticos são instituições em quase tudo obsoletas. Talvez faça bem aos próprios políticos renovarem suas organizações.

Passadas as eleições de 2002, toda a sociedade deveria começar pensar seriamente nas propostas deste capítulo.

No caso da população, a renovação na política, abaixo sugerida, poderá favorecer o aumento da participação estimulado no capítulo anterior, porque ajudará a mudar conceitos e eliminar preconceitos políticos que desenvolvemos por força das longas

decepções com os políticos, de um lado, e de estranhar comportamentos de alguns partidos, de outro.

O texto que se segue é transcrição de parte de capítulo do meu livro *Chega de Ser o "País do Futuro"*.

As agremiações ou partidos políticos foram, nas suas origens, organizados e criados para defender idéias ou posições em relação a formas de governo, formas de organização social e sistemas econômicos, principalmente. Basicamente em torno de dois conjuntos de posições e ideologias opostas, relacionadas com estas formas de organizações:

<i>Monarquia</i>	<i>e</i>	<i>república</i>
<i>Centralismo/totalitarismo</i>	<i>e</i>	<i>democracia</i>
<i>Capitalismo</i>	<i>e</i>	<i>socialismo</i>
<i>Liberalismo</i>	<i>e</i>	<i>nacionalismo</i>
<i>Conservadorismo</i>	<i>e</i>	<i>progressismo</i>

O nome dos partidos mais tradicionais adotam uma ou mais das posições e ideologias como estas acima relacionadas: Partido Social Democrata, Partido Progressista, Partido Republicano, Partido Democrata, Partido Socialista, Partido Liberal, Partido Nacionalista, Partido Conservador, Partido Progressista Popular, Partido Democrata Cristão, etc.

Conforme observação de Paulo Martinez, na citação acima, os partidos adotam nomes nem sempre coerentes com suas idéias e práticas. Exemplo do nosso PTB, que há muito deixou de ser o partido do trabalhismo. E, às vezes, adotam nomes completamente despropositados, como o de um partido político canadense, citado pelo escritor americano John Nasbit em seu livro Paradoxo Global (vide referências bibliográficas): "Partido Progressista Conservador".

A deterioração dos costumes e práticas políticas permite que os oportunistas, os aproveitadores da situação de desinteresse e alienação política da população, facilitados pela legislação vigente, criem partidos de menor expressão para tirar proveitos pessoais ou de grupos. Exemplo disto são os pequenos partidos (chamados de "nanicos") que existem para eleger seus próprios donos e para serem alugados ou emprestados a candidatos que não conseguem se impor nos partidos dominados por grupos mais poderosos. Outra inspiração para criar-se partidos menores, são os posicionamentos políticos mais radicais à direita ou à esquerda.

A evolução do mundo mostra que nos países e sociedades mais adiantados e civilizados estas formas de organização e de posicionamento político ficaram superados, obsoletos, ou passam por processo de revisão como resultante de novas realidades e novas necessidades. As monarquias estão em fim de carreira; os regimes centralizados e totalitários só persistem em países muito atrasados ou de difícil mudança (caso da China); capitalismo e socialismo, nacionalismo e liberalismo, conservadorismo e progressismo passam por revisões de conceito e formas de se manifestarem, como consequência das transformações que ocorrem no mundo e nas sociedades.

Uma das principais mudanças de paradigmas do mundo atual, é o fato de competidores e opositores tradicionais estarem se unindo e tornando-se parceiros para obterem benefícios comuns, para enfrentarem dificuldades comuns. É o que acontece com empresas concorrentes que se fundem para ficarem mais fortes; com capital e trabalho que dão as mãos para obterem ganhos da produtividade e para sobreviverem no mercado crescentemente competitivo.

Pois bem, com as rápidas e impressionantes transformações que estão acontecendo no mundo e nas sociedades civilizadas, novos problemas e novas necessidades estão surgindo, novas prioridades de mudanças se apresentam, velhos e persistentes problemas requerem soluções diferentes e inéditas. Tal realidade sugere que se possa cogitar de criar novas formas de organização e movimentação política e social. Organizações essas que devem se inspirar em novas ideologias, na necessidade de carregar novas bandeiras, e adotar novas denominações correspondentes.

As sociedades civilizadas caminham – até por força da inexorável globalização – para universalização de conceitos, idéias, hábitos e necessidades; para minimização de maniqueísmos (posições extremadas), de conflitos, busca de paz; ações voltadas para parcerias e sinergias.

As guerras entre nações estão acabando, os conflitos raciais e religiosos tendem a diminuir. Países de um mesmo continente ou de uma mesma grande região do mundo estão se unindo e formando grandes blocos para fins de obtenção de benefícios comuns. Os males maiores do mundo atual são inimigos de todos os países, de todos os povos e suas ameaças inspiram a união de todos: as doenças graves, a pobreza e o crime organizado.

Um parêntese para falar do maniqueísmo esquerda-direita:

Persiste ainda forte a manifestação do maniqueísmo esquerda-direita para classificar posições políticas.

Maniqueísmo é uma palavra que soa diferente e estranha, como também suas sinônimas: bipolaridade, dicotomia, ciclotimia. Todas estas palavras dão nome a um comportamento que se caracteriza pela tendência que temos de adotar posições e idéias – assim como expressarmos sentimentos – extremados ou opostos. Oito ou oitenta, dizendo de forma mais popular.

Esse comportamento é resultante, provavelmente, de uma cultura milenar influenciada por preceitos religiosos, morais, estéticos e até parâmetros de dimensionamento: **bem e mal, feio e bonito, preto e branco, grande e pequeno, claro e escuro, alto e baixo, sim e não, céu e inferno**, etc. Com uma mais desenvolvida maturidade intelectual, cultural e emocional – um estágio avançado de civilização – diminuimos a tendência maniqueísta, dicotômica ou ciclotímica em nossa maneira de ver as coisas, de senti-las e de opinar.

Penso que temos muito que evoluir neste aspecto. Não somos bons, ainda, para lidar com o meio termo, com o equilíbrio, com o relativo. Temos uma elite intelectual e cultural ainda com maior quantidade de **eruditos** (dotados de muita capacidade de

raciocinar, de muitos conhecimentos) do que de **sábios**, pessoas que desenvolveram, além da capacidade de raciocinar e da quantidade de conhecimentos, a maturidade de saber ponderar, de saber ter equilíbrio mental e emocional, de saber ser neutro quando necessário, de saber harmonizar, de saber conciliar, de saber ser compreensivo e tolerante.

Em manifestações políticas e sociais, não só não desenvolvemos bem a capacidade de ponderar, de ficar no meio termo, no equilíbrio, como também não é uma posição muito prestigiada. Às vezes é até depreciada com a expressão “ficar em cima do muro”. O que leva muitas pessoas a adotar uma posição forçada ou a se omitir.

A dicotomia esquerda-direita, ainda forte na classificação de posições políticas e ideológicas, reforça mais ainda essas duas tendências de extremar para um lado ou de se omitir. No passado, em tempos mais autoritários, tinha-se vergonha ou receio de ser taxado de esquerdista ou comunista. Agora, com total democracia, a situação se inverteu e é mais charmoso ser de esquerda e as pessoas não adeptas de esquerdismos costumam ter vergonha de serem tachadas como sendo de direita.

O maniqueísmo é que leva a simplificar as posições entre esquerda e direita. Na verdade, se tivéssemos condições de levantar e medir o nível ou grau de esquerdismo ou direitismo político-ideológico numa régua numérica ou degradée, constataríamos que talvez menos de 10% das pessoas estariam convictamente mais à esquerda e mais à direita, nesta classificação de ideologia política.

Os brasileiros, em sua grande maioria, já demonstraram ser mais pragmáticos, desejando ver nossos problemas resolvidos, sua vida melhorada, não importando se com soluções de políticos da esquerda ou da direita.

*As novas ideologias que as pessoas, as sociedades e os povos devem agora adotar e desenvolver, em substituição àquelas que estão ficando menos importantes e obsoletas, são: a **preservação do meio ambiente, a melhoria da qualidade de vida, a eliminação da pobreza, o fortalecimento dos valores éticos, a competência como forma de melhorar o resultado das organizações, a cidadania como forma de aperfeiçoar a organização social, a dignificação do trabalho, a solidariedade humana, a busca da paz e da felicidade.***

*Assim sendo, a sociedade deve tomar a iniciativa de organizar agremiações e movimentos para carregar essas bandeiras e promover o desenvolvimento e melhoria de seus padrões civilizatórios. De preferência evitando usar a palavra **partido**, para acabar com a conotação de separação e de oposição. Como exemplo e valendo já como sugestão:*

- *União ou movimento pela melhoria da Qualidade de Vida (UQV ou MQV)*
- *União ou Movimento pela Ética e Cidadania (UEC ou MEC)*
- *União ou movimento pela Preservação do Meio Ambiente (UMA ou MMA)*
- *União ou movimento pelo Desenvolvimento Educacional e Cultural (UDEC ou MODEC)*
- *União ou movimento pelo Desenvolvimento Social (UDS ou MDS)*
- *União ou movimento pela Dignificação do Trabalho (UDT ou MDT)*

- *União ou movimento pela competência das organizações sociais (UCOS ou MOCOS)*
- *União ou movimento em favor da felicidade humana (UFH)*
- *União ou movimento pela paz social (UPS)*

As siglas são diferentes e podem causar estranheza. Mas é questão de acostumar-se a elas.

O Partido Verde é a agremiação política atual de maior expressão que se enquadra dentro desta proposta. Diversas ONG's podem ser consideradas um embrião dessas organizações que, entretanto, precisam ter uma participação mais efetivamente política.

Por Que Sentiremos Saudades

"O estadista não pensa nas próximas eleições e sim nas próximas gerações."

De editorial de O Estado de São Paulo

"O êxito de um ideal não depende nem de sua beleza, nem de sua grandeza, mas sim de sua conformidade com a vida."

José Ingenieros

Apesar de suas falhas, do que não conseguiu e do que não pode fazer, FHC criou um novo estilo de governar, mostrou algumas competências e agregou valores importantes ao ambiente político, ganhos estes que nos farão sentir saudade dele, se voltarmos aos padrões anteriores de governantes.

A inclusão deste capítulo faz parte da abordagem sobre politização, uma das temáticas principais deste livro.

Como é, talvez, o assunto deste livro mais sujeito a encontrar alguma indisposição prévia de parte dos leitores, por razões óbvias, permito-me citar aqui este que é um dos muitos princípios sugeridos aos leitores do livro "Em Crise Com a Opinião Pública", dos autores Lawrence Susskind e Patrick Field:

"Mantenha a cabeça aberta, seja receptivo e considere a possibilidade de estar errado"

Regra geral, quando atingem um padrão de vida melhor ou um estágio social ou profissional mais elevado, as pessoas sentem e sofrem se tiverem que regredir, que voltar à situação anterior, que perder o maior *status* conseguido. Mais especificamente,

ninguém gosta de voltar ao padrão anterior e inferior, se promovido a um cargo de maior nível, se mudou para um carro melhor, se passou a usar uma roupa de tecido superior, ou a usar perfumes ou cosméticos de melhor qualidade; ou ainda se passa a freqüentar restaurantes e outros locais de lazer melhores.

Podemos aplicar o mesmo raciocínio à situação política do Brasil. Experimentamos algumas melhorias de estilo e qualidade de governo, introduzidas por FHC, que não nos agrada perder. Pelo menos às pessoas – acredito que maioria – não tão apegadas a partidos e ideologias políticas, ou fortemente simpatizantes deste ou daquele candidato.

Apesar de todos os sacrifícios que tivemos que suportar para colocar a economia do país em ordem – temporários aumentos de taxas de desemprego e perda do poder aquisitivo, não diminuição pouco significativa da pobreza, etc. – de algumas crises vividas, como a do apagão, algumas manobras políticas de duvidosa ética, entre outras situações não muito agradáveis, o governo FHC introduziu no país algumas **melhorias inéditas, algumas conquistas ainda não experimentadas, alguns avanços sólidos.**

Na medida em que a população for deixando “cair as fichas” e for entendendo a coerência da postura do governo frente aos problemas enfrentados, e for percebendo os ganhos obtidos, as diferenças da situação atual com as anteriores, ela sentirá sabores de alguns progressos alcançados.

Começamos a ficar mais imunes às crises externas, tivemos uma gradativa sensação de estabilidade econômica e política, e também a sensação de que o país começa a adquirir uma personalidade própria (não mais confundido ou comparado com outros países da América Latina), e ainda uma nova liderança e respeitabilidade não só nesta região como no resto do mundo.

Foi o governo que mais se empenhou em fazer o país evoluir em **ética no trato das coisas públicas, em melhoria da qualidade da educação, em melhoria da administração da saúde.** Instituições públicas ficaram mais competentes como o Banco Central, a Receita Federal, os Correios e Telégrafos, o Banco do Brasil e Caixa Econômica e outras.

Começamos a sentir um novo orgulho de ser brasileiros não só pelos feitos dos nossos esportistas, artistas e cientistas, mas também pelos feitos na tecnologia, na política internacional e na diplomacia; por estar batendo recordes de produção agrícola a cada ano; por saber contar votos melhor do que os EUA, por dar exemplo para o mundo em tratamento da AIDS, pelo sucesso dos remédios genéricos, pelo sucesso das empresas brasileiras; por ser o país com maior número de certificações da qualidade (ISO 9000) do mundo, por ter sido eleito o país com povo mais empreendedor do mundo, por já estar vendo os “graudos” serem punidos com perdas de mandato, perdas do patrimônio roubado e até com prisão.

Também por estarmos mostrando grande capacidade de resolver problemas urgentes através de mutirões e demonstração de espírito de responsabilidade cívica, como no caso da economia de energia e combate à epidemia da dengue.

E cada vez mais ficará evidenciada a marca de FHC em muitos dos progressos obtidos, e ficará entendido que outros progressos foram possíveis graças ao ambiente criado no

país, por influência de um governo sério, coerente e estável. Que assumiu suas falhas e não fugiu de sua responsabilidade como, de novo, nos casos da crise da energia e na epidemia da dengue.

Cada vez mais, desprovidos de algumas influências das propagandas políticas contrárias, de algumas revoltas circunstanciais, associaremos muitas dessas melhorias a qualidades do presidente que deixamos de notar em outras situações menos favoráveis.

Mais cedo ou mais tarde ficarão mais claros, para as pessoas isentas e desprovidas de preconceitos e de paixões partidárias e ideológicas, muitas virtudes de FHC, como estas:

- grande firmeza e coerência de posturas
- grande determinação para cumprir suas missões
 - ausência de demagogia e populismo
- muita educação e elegância no trato com todos
- caráter e postura ética muito acima do padrão dos políticos
- muita capacidade de resistir a acusações injustas e agressões
 - ausência de espírito vingativo
- grande capacidade de articulação política sem estardalhaços
- domínio dos variados assuntos – economia, política, questões internacionais, questões sociais, questões culturais, questões técnicas e científicas
- grande capacidade de argumentar e improvisar em entrevistas e discursos
 - muita cultura, muita inteligência e grande gabarito para representar o país e para se apresentar nos mais elevados ambientes políticos e diplomáticos, bem como tratar com os maiores estadistas do mundo.

Nós vamos sentir saudades de FHC não somente pelo gradativo reconhecimento de todas as suas contribuições ao desenvolvimento do país, mas principalmente quando compararmos suas qualidades e feitos com o de outros governantes. É pouco provável que venhamos a ter tão cedo algum governante com suas qualidades e qualificações.

Oxalá venha a ser desmentido rapidamente. Será melhor para nós.

Além de sentir saudades, não vamos querer regredir e voltar a padrões anteriores. Para isso, precisaremos ser cada vez mais exigentes e responsáveis na escolha dos nossos governantes.

Banho de Ética

*"Cada um de nós é conivente com a
impunidade que vigora no país"*

Paulo Reis Vianna

*"É hora de as pessoas honestas, de bem,
que gostam do país, mostrarem sua força."*

Caco Barcellos

O nível de deterioração ética chegou, no Brasil, num estado calamitoso. Apesar de estar havendo um esforço de recuperação de valores, de resgate ético, a tarefa é muito grande e precisa do engajamento de toda a sociedade.

Também este capítulo foi, em parte, trazido de outro livro deste autor. É um tema que não poderia faltar no contexto deste.

Todos os brasileiros, como indivíduos, como profissionais, como membros de associações, como empresários – e nem precisaria lembrar dos políticos e governantes – estamos precisando de um banho de ética. Alguns, de banhos mais rápidos e sem muita esfrega; outros, de banhos demorados e com escovas bem grossas, para limpar pequenas, grandes ou acumuladas “sujeiras” ou deslizes éticos cometidos, no ambiente degradado com o qual tivemos que conviver em tempos recentes, no Brasil.

O país passou, nos últimos 20 anos, por uma crescente degeneração moral, como resultante da somatória de três causas principais: herança dos vinte anos de regime militar (quando as críticas e as denúncias são reprimidas); demorada transição da ditadura para a democracia (situação que foi propícia para muitas pessoas oportunistas e sem princípios infiltrarem-se nos poderes da república), e como resultante do longo período de inflações altas e ciranda financeira (quando os governos perderam o controle da situação econômica, o que resultou num verdadeiro caos no mundo dos negócios, e numa situação do tipo “salve-se quem puder”.

Ocasão em que os princípios de ética e moral foram deixados de lado, em maior ou menor grau, pela grande maioria dos brasileiros adultos, se considerarmos pequenas, médias e grandes transgressões ou concessões aos princípios éticos e morais.

Em outras palavras: foram criadas, em todos os ambientes, grande quantidade de situações onde se aplica o ditado “a ocasião faz o ladrão”, ou uma adaptação dele a graus menores de transgressões: “a ocasião faz o malandro ou o esperto”.

Carregamos a fama (criada e mantida por nós mesmos), muitas vezes justificada, de praticar o “jeitinho esperto”. Em épocas em que o ambiente moral era menos crítico, havia mais inteligência prática do que esperteza malandra nas nossas práticas de jeitinho.

Nos últimos vinte anos, a esperteza malandra passou a predominar. Infelizmente.

Grandes, médias e pequenas transgressões éticas praticadas pela maioria da população constitui uma epidemia que representa grande decadência em qualquer sociedade. E não é exagero dizer que o Brasil chegou a uma perigosa e vergonhosa decadência ética e moral. Não se tem cansado de ficar estarecido, nestes últimos tempos, com tanta desconsideração pela ética e tão grande quantidade de práticas de corrupção em todos os setores da sociedade.

No que se refere à decadência ética verificada no meio da grande população, pode-se dizer que poucos brasileiros adultos deixaram de ter, no período acima considerado, um ou mais dos comportamentos dos tipos abaixo:

- Dar propinas para obter favores ou se livrar de multas.
- Efetuar pequenas ou grandes sonegações de impostos.
- Fazer ou ser conivente com “pirataria” de softwares.
- Encontrar formas de “roubar” parte de obras com direitos autorais reservados.
- Fingir que não vê ou acobertar irregularidades para não perder vantagens ou privilégios.
- Aceitar participação em esquemas de corrupção para concorrer a negócios.
- Prometer parceria a alguém para roubar-lhe as idéias.
- Mentir para tirar proveito de alguma situação.
- Colocar disco CD no vidro do carro para impedir o efeito do radar.
- Etc.
- Etc.

Um exemplo do nível de decadência a que chegamos: relato de uma pessoa que participou do evento de treinamento para clientes de grande empresa de produtos para alimentos, basicamente para padarias, confeitarias e lanchonetes. O instrutor ensinava aos treinandos fórmulas diferentes de preparar os produtos – pão de queijo, por exemplo – com melhor padrão de qualidade nos primeiros três meses e ir gradativamente fazendo misturas mais econômicas e que pioram a qualidade dos produtos, como forma de aumentar os lucros.

Tive a oportunidade de ver a materialização disto numa padaria recém inaugurada em meu bairro. No início, os pães franceses tinham excelente qualidade. Três meses depois, estava com excesso de bromato, ingrediente que faz o pão crescer de tamanho

sem uso de trigo. Exercendo a cidadania, como pregada neste livro, disse ao dono da padaria que deixaria de comprar pão lá, explicando o motivo.

Algum tempo depois, a padaria foi vendida por queda de movimento e transformada em lanchonete. Muitas vezes o crime não compensa.

Não canso de me espantar por verificar a quantidade de empresários não preocupados com qualidade dos produtos e serviços e com a satisfação dos clientes, Que, depois, não entendem por que fracassam.

Há, felizmente, um crescente movimento na sociedade indicando que clientes e usuários não se manterão fiéis com qualquer tipo de fornecedor esperto e malandro.

Quem esteve atento aos fatos e comportamentos, pode verificar que mesmo pessoas de bons princípios cometeram pequenos deslizes sob o pretexto de “estar dançando conforme a música” e inspirados nos maus exemplos de boa parte das elites dominantes, e/ou em momentos de dificuldades durante as várias crises pelas quais o país passou nesse período.

Esse ambiente de deterioração de princípios e hábitos encorajou o aumento das práticas de corrupção naquelas situações mais propícias a isto, como nas relações entre criminosos e policiais, nas relações entre compradores e fornecedores, nas intermediações de negócios, no empresariamento de jogadores e artistas, nos setores de repartições públicas que dão andamento a documentações.

Tem sido fora de propósito e estarecedoras as constatações das mais variadas formas de práticas desonestas por todos os lados por onde se olha. Entidades respeitáveis se deixaram contaminar além dos limites mínimos, como os órgãos de justiça. Políticos inquestionavelmente corruptos são escolhidos ou eleitos para os cargos mais importantes dos governos.

A mídia às vezes favorece que figuras públicas e membros das elites dominantes, comprovadamente corruptas, afrontem e debochem do público em nome de algum direito.

A deterioração de princípios e de hábitos chegou a um nível de esgotamento tal que já se constata reações em alguns setores da sociedade. Movimentos de cidadania em favor da ética e maior quantidade de livros sobre este tema tem surgido nos últimos tempos. Mas o tamanho do estrago foi muito grande e o esforço de resgate e reconstrução precisa sê-lo também. Há que se trazer a ética a padrões minimamente civilizados, onde a esperteza, a desonestidade e a corrupção sejam exceções e não regra.

Outro dado positivo é que mostra estar em andamento um processo que reverte a situação de decadência ética: nunca se puniu tantos grandes corruptos no Brasil, como nos últimos tempos, incluindo presidente da república, senadores, deputados, prefeitos, vereadores, juizes, empresários, funcionários graduados, etc. Mas, é preciso insistir, esta é uma tarefa gigantesca em relação a qual a sociedade não pode parar nem fraquejar.

Cabe portanto, aos cidadãos de bem, seguramente a maior parte da população, engajarem-se num movimento contrário ao do observado nesse período crítico anterior, adotando e estimulando a adoção de práticas e hábitos que desestimulem e coibam as fraquezas éticas, as espertezas e malandragens com que deparamos em todo lugar e a todo momento. Sugere-se posturas do seguinte tipo:

- Não somente não pagar, como também denunciar órgãos ou entidades onde se cobra “pedágios” ou propinas para fazer parte de concorrências ou para dar encaminhamentos em papéis.
- Espalhar entre amigos e vizinhos o nome de produtos ou comércios que mostram alguma forma de irregularidade que pareça ser intencional. Por exemplo, uma marca de produto que coloca 900 gramas num pacote de um quilo; uma farmácia que vende produtos vencidos; um posto de gasolina que faz misturas nos combustíveis; ou ainda um táxi que “envenena” o velocímetro.
- Ficar atento a vendedores que se mostram exageradamente espertos para obter vantagens, não fazendo negócios, trocando-os e denunciando-os.
- Selecionar - e estimular que outros o façam - programas de TV, jornais e revistas de melhor valor ético e estético.

Se a maioria das pessoas, especialmente líderes comunitários e formadores de opinião, passarem a agir desta forma, em situações semelhantes, certamente iremos contribuir para melhoria dos padrões de decência e ética em nossa sociedade.

Um exemplo estimulante para todos nós é o sucesso do PROCON. A Lei de Defesa dos Consumidores acabou de completar dez anos. O PROCON, surgido desta lei, tem mostrado crescente evolução de eficiência e de credibilidade, pelos resultados práticos alcançados de solução de problemas e de diminuição dos abusos de empresas privadas e públicas, ora espertas, ora negligentes, ora ineficientes.

A população está acreditando e procurando cada vez mais o PROCON, que tem prestado um excelente serviço à cidadania e à sociedade. Entidades como esta, oficiais ou informais, direcionadas para fins mais específicos de combate e prevenção a práticas eticamente condenáveis, deveriam multiplicar-se no país.

Seria desejável que em cada bairro, em cada comunidade, em cada condomínio, em cada departamento das organizações públicas e privadas, fossem criados comitês, grupos informais de cidadania ou ONG's, voltados para fortalecimento dos princípios e valores éticos, para troca de experiências e desenvolvimento de idéias para combater corrupção e melhorar padrões de comportamento ético e social nos ambientes em que vivem.

Se pudesse fazer um pedido

"Tudo pode ser feito melhor do que está sendo feito"

Henry Ford

Um apelo final aos comunicadores, às mídias, principais formadores de opinião, educadores e demais lideranças da nossa sociedade.

Se pudesse fazer um pedido público, através deste livro, dirigir-me-ia àquelas pessoas e instituições acima citadas – por possuírem melhores condições de poder, recursos e oportunidades – para engajarem-se numa campanha de mobilização da sociedade, objetivando incentivar e favorecer a efetivação de algumas das idéias lançadas por este livro, como estas:

- ♦ influenciar e estimular a sociedade a construir e realizar sonhos por sua própria conta e iniciativa;
- ♦ influenciar no sentido de minimizar o negativismo dominante nos críticos das situações e na opinião pública. E no sentido de aumentar o espírito de otimismo, autoconfiança e desejo de mudar o país para melhor.
- ♦ ajudar a criar condições para desenvolvimento do nível de politização do povo e estimular nele o interesse por uma sadia participação política;
- ♦ ajudar a desenvolver a consciência e a prática da cidadania;
- ♦ ajudar a elevar a auto-estima dos brasileiros.

Permito-me, finalmente, enviar uma última mensagem especialmente às mídias:

- A mídia de entretenimento e jornalismo, com poucas exceções, parece preferir acreditar que as pessoas só querem diversão, só querem ser satisfeitas em emoção fácil e outros prazeres mais primários. Aí fora, na sociedade, grande quantidade de pessoas estão procurando as igrejas, as ONGs, os movimentos sociais para

atenderem necessidades mais nobres, de satisfação espiritual, de participação e realização pessoal, de contribuição para melhorias da vida em sociedade.

- Talvez as mídias estejam com excesso de programas de noticiários e entretenimento, e com poucos programas que atendam outras expectativas e necessidades da população, principalmente as necessidades do espírito e de participação, e também no que se refere a educação para a política, para a cidadania, para a ética.

Atrevo-me a sugerir que as mídias pudessem incluir nas suas programações e suas pautas, em maior quantidade de programas ou reportagens especiais, ou embutindo nos programas (TVs e rádios) ou seções (jornais) existentes, pelo menos 10% de tempo, do espaço e do foco em questões ligadas a desenvolvimento da cultura política e de cidadania. Uma campanha educativa que permita o desenvolvimento do *senso* crítico, não do *espírito* crítico; que desperte um maior interesse pela participação política e social, não uma postura de alienação e fuga dos problemas da sociedade; que estimule as pessoas a cultivarem valores e princípios importantes como de justiça, ética e cidadania, para que as nossas sociedades melhorem seus padrões de civilidade.

Essa iniciativa pode ser tanto dos dirigentes das mídias, como dos próprios apresentadores de programas. É preciso que todos se conscientizem de que isto é possível, sem prejuízos de seus objetivos comerciais e de suas audiências. Sou levado a crer que poderá, pelo contrário, trazer-lhes ganhos.

Em aspectos educativos às vezes as mídias têm sido mais problema. Mas podem mudar para serem mais solução. É só querer.

Queiram, por favor !

O Brasil agradecerá.

Referências bibliográficas

- Artigos e matérias do jornal “Folha de São Paulo”
Artigos e matérias do jornal “Gazeta Mercantil”
Artigos e matérias do “Jornal do Brasil”
Artigos e matérias do jornal “O Estado de Minas”
Artigos e matérias do jornal “O Estado de São Paulo”
Artigos e matérias do jornal “O Globo”
Artigos e matérias do jornal “Valor”
Artigos e matérias da revista “Exame”
Artigos e matérias da revista “Época”
Artigos e matérias da revista “Isto É”
Artigos e matérias da revista “Veja”
Artigos e matérias de revistas de bordo (TAM, Varig e VASP)
Artigos e matérias buscados na internet
- Alves, Márcio Moreira – *Brava Gente Brasileira* – Editora Nova Fronteira - 2001
Alves, Márcio Moreira – *“A Força do Povo – Democracia Participativa em Lages”* – Ed. Brasiliense – 1980
Bagdikian, Bem H. – *“O Monopólio da Mídia”* – Scritta Editorial - 1993
Barros, Benedito Ferri de – *“Que Brasil é Este?”* - Editora SENAC - 2000
Benevides, Maria Vitória de Mesquita – *“A Cidadania Ativa”* – Editora Ática – 1996
Bradford, David L. e Allan R. Cohen – *“Excelência Empresarial”* – Ed. Harbra - 1985
Buffa, Ester e outros – *“Educação e Cidadania”* – Cortez Editora – 1987
Campos, Roberto – *“O Século Esquisito”* – Topbooks – 1990
Chiavenato, Idalberto – *“Os Novos Paradigmas”* – Editora Atlas – 2000
Costa, Vanda Ribeiro – *“Corporativismo e Democracia”* – Editora Moderna – 1999
Coutinho, Dirceu M. – *“Entenda Globalização”* – Editora Aduaneiras - 1998
Crespigny, Anthony de e Jeremy Cronin – *“Ideologias Políticas”* – Editora UnB - 1975
Crosby, Philip B. – *“Liderança – A Arte de Tornar-se Executivo”* - Makron Books - 1991
DaMatta, Roberto – *“O Que Faz o Brasil, Brasil?”* – Ed. Rocco - 1986
Dallari, Dalmo de Abreu – *“O Que é Participação Política”* – Ed. Brasiliense – 1983
Davis, Stan e Bill Davidson – *“Visão 2020”* – Editora Campus – 1993
Demo, Pedro – *“Charme da Exclusão Social”* – Editora Autores Associados - 1998
Denny, Ercílio A. – *“Ética e Política”* – Editora Opinião - 2001
Dimenstein, Gilberto – *“A República dos Padrinhos”* – Editora Brasiliense – 1988
Diversos autores – *“A Intolerância”* – Editora Bertrand Brasil - 1998
Diversos autores – *“A Crise Brasileira e a Modernização da Sociedade”* – José Olympio Editora - 1990
Diversos autores – *“Em Discussão o Brasil”* – O Estado de São Paulo – 1981
Diversos autores – *“Empresa Social e Globalização”* – ANTEAG – 1998
Diversos autores – *“Ética na Virada do Milênio”* – Ed. LTr – 1999
Diversos autores – *“Novo Conceito de Filantropia”* – Coleção CIEE – 1999
Diversos autores – *“Prularismo Cultural, Identidade e Globalização”* – Editora Record - 2001
Diversos autores – *“Reflexões Para o Futuro”* - Publicação da revista Veja comemorando seus 25 anos de existência

Domeneghetti, Ana Maria – “*Voluntariado*” – Editora Esfera - 2001
 Drucker, Peter – “*Administrando para o Futuro*” – Ed. Pioneira – 1992
 Drucker, Peter – “*As Novas Realidades*” – Ed. Pioneira – 1989
 Drucker, Peter – “*Sociedade Pós-Capitalista*” – Ed. Pioneira
 Drucker, Peter – “*A Sociedade*” – Editora Nobel - 2001
 Huber, Joseph – “*Quem Deve Mudar Todas as Coisas*” – Ed. Paz e Terra – 1985
 Hubert, Ingo Henrique – “*Estatual Eficaz - Mito ou Realidade?*” – Livraria Cultura Editora – 1983
 Humble, John W. – “*Como Melhorar os Resultados das Empresas*” – Ed. MCB - 1967
 Fernalda, Rubens – “*Como Construir uma Nação*” – Ed. Talentus – 1998
 Galbraith, Jay R. e Edward E. Lawler III – “*Organizando Para Competir no Futuro*” – Makron Books – 1995
 Génereux, Jacques – “*O Horror Político*” – Bertrand Brasil Editora – 1997
 Gouveia, Maria Helena – “*Fazer o Bem Faz Bem*” – Editora Gente - 2001
 Imai, Masaaki – “*Kaisen*” – IMAM – 1990
 Jabor, Arnaldo – “*A Invasão das Salsichas Gigantes*” – Editora Objetiva - 2001
 Jaguaribe, Hélio – “*Alternativas do Brasil*” – José Olympio Editora - 1989
 Kanitz, Stephen – “*O Brasil Que dá Certo*” – Makron Books – 1994
 Kuschnir, Karina – “*O Cotidiano da Política*” - Jorge Zahar Editor - 2000
 Llosa, Alvaro Vargas e outros – *Manual do Perfeito Idiota Latino-Americano* – Editora Bertrand Brasil - 2000
 Maar, Wolfgang Leo – “*O Que é Política*” – Editora Brasiliense - 1982
 Manzine-Covre, Maria de Lourdes – “*O Que é Cidadania*” – Ed. Brasiliense – 1991
 Marcondes Filho, Ciro – “*Ideologia*” – Global Editora - 1997
 Marques, Ramiro – “*O Livro das Virtudes de Sempre*” – Landy Livraria e Editora - 2001
 Martinez, Paulo – “*Poder e Cidadania*” – Papirus Editora
 Moura, Paulo C. da Costa – “*O Benefício das Crises*” – Livros Técnicos e Científicos Editora – 1978
 Naisbitt, John e Patricia Aburderne – “*Megatrends 2000*” – Amana-Key Editora - 1990
 Naisbitt, John – “*Paradoxo Global*” – Editora Campus - 1994
 Neto, Edgard Leite Ferreira – “*Os Partidos Políticos no Brasil*” – Editora Contexto – 1988
 Neto, Francisco Paulo de Melo e César Froes – “*Responsabilidade Social & Cidadania Empresarial*” – Editora Qualitymark – 1999
 Neumann, Laurício e Oswaldo Dalpiaz – “*Realidade Brasileira – Visão Humanizadora*” – Editora Vozes - 1985
 Niven, David, Ph.D. – “*100 Segredos das Pessoas Felizes*” – Editora Sextante - 2001
 Nóbrega, Mailson – *O Brasil em Transformação* – Editora Infinito - 2000
 Nogueira, Marco Aurélio – “*Em Defesa da Política*” – Editora Senac - 2001
 Novaes, Carlos Eduardo – “*Na República do Jerimum*” – Ed. Nórdica – 1986
 O’Donnell, Ken – “*Raízes da Transformação*” – Ed. Casa da Qualidade - 1995
 Oliver, Richard W. – “*Como Serão as Coisas no Futuro*” – Negócio Editora – 1999
 Osborne, David e Ted Gaebler – “*Reinventando o Governo*” – MH Comunicação – 1992
 Pegoraro, Olinto A. – “*Ética e Justiça*” – Editora Vozes - 2001
 Porto, Marlene – “*Os Brasileiros – Uma Tragi-comédia*” – Massao Ohono Editor - 1984
 Rabinovich, Salomão – “*Vamos Recomeçar o Brasil*” – Editora Elevação - 2000
 Reale, Miguel – “*Perspectivas da Cultura Brasileira*” – Coleção CIEE – 2000
 Reale, Miguel – “*Crise do Capitalismo e Crise do Estado*” – Editora Senac - 2000
 Reddin, W.J. – “*Administração por Objetivos*” – Ed. Atlas – 1971
 Rega, Lourenço Stélio – *Dando um Jeito no Jeitinho* – Editora Mundo Cristão – 2000
 Resende, Enio – “*Chega de Ser o País do Futuro*” – Mescla Editora - 2001
 Resende, Enio – “*Cidadania*” – Summus Editorial – 1991

Resende, Enio – *“O Livro das Competências”* – Qualitymark Editora – 2000
 Rohomann, Chris – *“O Livro das Idéias”* – Editora Campus – 2000
 Santos, Milton – *“Por Uma Outra Globalização”* – Editora Record - 2001
 Santos, Wanderley Guilherme – *“Cidadania e Justiça”* – Editora Campus - 1994
 Sebok, Roberto T. – *“Como Preparar-se Para o Mundo Unido no Novo Milênio”* – Editora STS – 1999
 Schumacher, E.F. – *“O Negócio é Ser Pequeno”* – Zahar Editores - 1977
 Sodré, Muniz – *“O Brasil Simulado e o Real”* – Rio Fundo Editora - 1991
 Souza, Herbert José – *“Como se Faz a Análise de Conjuntura”* – Ed. Vozes – 1988
 Spink, Peter e Roberta Clemente – *“20 Experiências de Gestão Pública e Cidadania”* – Fundação Getúlio Vargas Editora - 1997
 Toffler, Alvin – *“Previsões e Premissas”* – Editora Record – 1983
 Tomei, Patrícia Amélia e Marcelo L. Braunstein – *“Cultura Organizacional e Privatização”* – Makron Books – 1994
 Toynbee, Arnold – *“A Sociedade do Futuro”* – Zahar Editores – 1979
 Vazquez, Adolfo Sánchez – *“Entre a Realidade e a Utopia”* – Editora Civilização Brasileira - 1999
 Vianna, Marco Aurélio Ferreira – *“Que Crise é Esta?”* – Qualitymark Editora – 1993
 Vianna, Marco aurélio e Sérgio Duarte Velasco – *“Nas Ondas do Futuro”* - Editora Gente - 2001